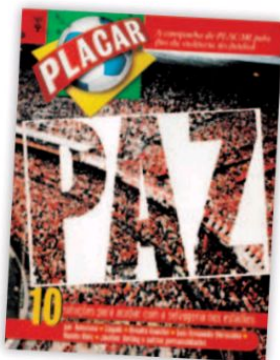
PLACAR
SCORE Editora
ED. 1509 MARÇO 2024 R$15,00
DE R$ 25,00 POR:
R$ 15,00
POR TEMPO LIMITADO
ENTREVISTA
Diego Pituca, a cara (e o sorriso) do renascimento do Santos
PREVISÕES
O que esperar do início de trabalho de Dorival à frente da seleção
ESPECIAL
HEGEMÔNICO NO CONTINENTE, BRASIL SEGUE ATRAINDO CADA VEZ MAIS GRINGOS BONS DE BOLA
O TÉCNICO ARGENTINO ENCONTROU EM FORTALEZA O VERDADEIRO AMOR. COBIÇADO POR CLUBES E ATÉ UMA SELEÇÃO, ELE NÃO ACHA NECESSÁRIO SAIR PARA SER FELIZ – E SE EMOCIONA AO FALAR DA RELAÇÃO COM A TORCIDA TRICOLOR
JUAN PABLO VOJVODA
MUDAR
PRA QUÊ?

EXISTE SOLUÇÃO (?)

Passado o choque provocado pelo selvagem atentado de torcedores do Sport contra o ônibus do Fortaleza no Recife, outra preocupação tomou conta da redação de PLACAR naquele 21 de fevereiro. Será que Juan Pablo Vojvoda estará em condições, físicas e psicológicas, de nos atender menos de dois dias depois do trauma? O treinador argentino não só fez questão de manter o combinado, como surpreendeu o repórter Klaus Richmond, o fotógrafo Alexandre Battibugli e o operador de áudio João Vitor Fagá ao convidá-los para um jantar na véspera, em um discreto restaurante da capital cearense. Vojvoda queria entender como seria a pauta, mas logo foi deixando a desconfiança de lado, sem jamais perder sua peculiar gentileza, entre porções de bife ancho e picanha com chimichurri. No dia seguinte, abriu sua casa para um papo de mais de uma hora e ainda topou uma caminhada na praia para a foto de capa. Depois, correu para rever os comandados no primeiro treino pós-ataque. Apesar do tom sereno, de quem sabe o que quer da vida e desfruta plenamente a aventura no Nordeste do Brasil, o técnico se entristeceu ao ressaltar que a violência no futebol não pode, em hipótese alguma, ser normalizada. Narrou as cenas de terror em Pernambuco e defendeu punição severa aos responsáveis, o que não se deu até o fechamento desta edição. Seis atletas ficaram feridos. Dias depois, um cruzeirense morreu em confronto com atleticanos em BH.

Os casos de violência nos estádios e em seus arredores não são novidade. Em abril de 1996, época em que a Inglaterra já colocava em prática medidas duras que acabariam com o hooliganismo, PLACAR dedicou uma edição especial sobre o tema. Com a chamada principal "Paz", a revista ouviu de personalidades como o técnico Zagallo, o atacante Renato Gaúcho, o cantor Nando Reis e o escritor Luís Fernando Veríssimo 10 soluções para acabar com a selvageria nos estádios. O país ainda chorava a morte de um tricolor no ataque a paus e pedras entre torcedores de Palmeiras e São Paulo, no Pacaembu, em um torneio de juniores no ano anterior. Como se vê, pouca coisa mudou, e talvez tenha até piorado, em meio a medidas preguiçosas das autoridades.

"Existe solução", cravamos na ocasião, ao apresentar as sugestões dos entrevistados. Mas o destino mostrou que diversas medidas seriam ineficazes. A revista levou ídolos como Pelé, Zico e Sócrates aos estádios com suas mães, sinalizando que a presença feminina poderia inibir os brigões. Quem dera fosse tão simples. O fim das torcidas organizadas foi amplamente citado. Um ano depois, a Mancha Verde, do Palmeiras, e a Indepen-

BOB WOLFENSON

Pelé e sua mãe, Celeste, na Vila Belmiro: nos anos 1990, PLACAR já clamava por paz nos estádios

dente, do São Paulo, foram banidas, mas seus integrantes retornaram normalmente aos estádios, sob novos nome e razão social. A impunidade já indignava. "Tem de deixar o torcedor violento no mínimo um ano preso. Hoje o cara paga 10 reais de fiança e cai fora, é uma grande sacanagem", afirmou Renato Gaúcho há 28 anos. "A paz só voltará aos estádios quando os clubes assumirem a responsabilidade", complementou Veríssimo. A mais precisa das reflexões veio do jornalista e escritor Sérgio Cabral. "A violência está aí na sociedade e isso tem repercussão nos estádios. Precisa melhorar o país, a polícia, tudo."

O exemplo inglês comprova que punições coletivas podem ser, sim, eficazes – equipes britânicas foram banidas das competições europeias por cinco anos –, desde que acompanhadas de maior fiscalização, preparo policial e severos castigos individuais. A torcida única, proibição da presença de visitantes em clássicos, imposta em diversos estados, já se mostrou um fracasso, pois tira o inigualável colorido das arquibancadas sem erradicar a violência do lado de fora, como comprova o caso do próprio Fortaleza. Esse atentado, que por muito pouco não deixou vítimas fatais, é mais uma oportunidade para que todas as partes envolvidas (atletas, clubes, federações e autoridades) se unam em prol da paz e da civilidade. O passado recente, no entanto, não nos permite ser muito otimistas. ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Vojvoda com o repórter Klaus Richmond: o amor pelo Fortaleza estampado na parede

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

ÍNDICE

revistaplacar

@placartv

@placar

placar.com.br

contato@placar.com.br

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor: Gabriel Grossi
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Leandro Miranda
Diretor Comercial: Sandro Santos
Planejamento: Marcos Ramos
Mídias Sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni, Gabriel Rodrigues, Jessica Gomes e Marcio Komesu
Estagiários: Fábio Kimura e Guilherme Azevedo
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vitor Fagá, Marcelo "Celu" Lima e Marcos "Quinhoss" Tadeu

Colaborou com esta edição:
Kaio Figueiredo
(pesquisa de fotos)

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar
Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1509 (EAN: 789.3614.11303-6), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

ALEXANDRE BATTIBUGLI

FAZ A FESTA, TRICOLOR

No dia 4 de fevereiro, a primeira final entre clubes profissionais do ano reuniu Palmeiras e São Paulo para decidir a Supercopa Rei, novo nome da Supercopa do Brasil. Em jogo único, no Mineirão, festa do Tricolor paulista. Foi apenas a segunda vez na história que o vencedor da Copa do Brasil derrotou o campeão brasileiro (em 1990, o Grêmio havia batido o Vasco). No ano passado, o São Paulo havia derrotado o grande rival nas quartas de final do torneio, antes de passar por Corinthians e Flamengo. Agora a partida de Belo Horizonte terminou empatada sem gols, mas na disputa por pênaltis brilhou o goleiro Rafael, que pegou as cobranças de Murilo e Piquerez. No final, 4 a 2 e mais um troféu na estante do MorumBis.

OS NOVOS REIS DA ÁFRICA E DA ÁSIA

Também em fevereiro, no segundo final de semana, foram realizadas as grandes finais da Copa Africana de Nações e da Copa da Ásia. Jogando diante de sua fanática torcida, a Costa do Marfim (de laranja) bateu a Nigéria de virada por 2 a 1, com dois gols no segundo tempo, e se tornou tricampeã do principal torneio entre seleções da África. A África do Sul terminou em terceiro lugar ao derrotar a República Democrática do Congo. Curiosamente, nenhum dos quatro países tinha chegado às semifinais de 2021. Na Ásia, os donos da casa também se deram bem. A decisão foi disputada no Lusail, estádio da final da Copa de 2022, e o Catar se impôs diante da Jordânia por 3 a 1, levantando a taça pela segunda vez consecutiva.

PIER GIAVELLI/BPA

GETTY IMAGES

NO BANCO DOS RÉUS

Em 22 de fevereiro, após três dias de julgamento, a juíza Isabel Delgado sentenciou o ex-jogador Daniel Alves a quatro anos e seis meses de prisão por ter estuprado uma jovem numa casa noturna de Barcelona, no fim de 2022. A promotoria pedia uma condenação de nove anos, e a defesa da vítima, de 12. Como a pena mínima para esse crime, na Espanha, é de quatro anos, muitos ficaram com a sensação de que "saiu barato". Mais ainda porque a própria sentença reconhece que foi aplicada uma "circunstância atenuante de reparação do dano", já que os advogados de Daniel depositaram na conta do tribunal 150 000 euros para serem entregues à vítima. O dinheiro foi emprestado pela família de Neymar, de acordo com o portal UOL.

ALEGRIA, ALEGRIA

Teve provocação, emoção, e, principalmente, muita festa do Fluminense no Maracanã. A insólita rivalidade entre o Tricolor e a LDU nasceu em 2008, quando o time equatoriano venceu a Libertadores na casa do rival. Um ano depois, nova conquista, desta vez na Sul-Americana. Por isso, chegaram vestindo camisas com a frase "Una vez más en Rio". Ainda contrataram um avião para sobrevoar as praias cariocas com a faixa "Voltei, meu filho". E traziam a vantagem de ter vencido a ida da Recopa Sul-Americana por 1 a 0, em Quito. Mas agora não há mais nenhum fantasma a exorcizar. Jhon Arias abriu o placar aos 31 da etapa final, John Kennedy foi expulso três minutos depois e, no último lance do tempo regulamentar, Arias fez 2 a 0 de pênalti. A América é tricolor!

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

'ENCONTREI O VERDADEIRO AMOR'

Na praia, à vontade e com a camisa do Tricolor do Pici: um casamento perfeito

VOJVODA CHEGOU COMO UM DESCONHECIDO AO FORTALEZA EM 2021, MAS NÃO TARDOU A CONQUISTAR O CORAÇÃO DOS TRICOLORES. QUASE TRÊS ANOS DEPOIS, COM QUATRO TÍTULOS NA BAGAGEM, FEITOS JAMAIS ANTES ALCANÇADOS NA HISTÓRIA DO CLUBE E CADA VEZ MAIS ADAPTADO À AREIA CEARENSE, O ARGENTINO REJEITOU PROPOSTAS TENTADORAS. O MOTIVO? A PAIXÃO PELO LUGAR QUE APRENDEU A CHAMAR DE LAR

Por: Klaus Richmond, de Fortaleza (CE)
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Juan Pablo Vojvoda Rizzo acusa logo nos sobrenomes as raízes croata e italiana. Nascido em General Baldissera, pequeno povoado argentino de menos de 3.000 habitantes, foi criado em Cruz Alta, a 64 quilômetros de distância, na província de Córdoba. Iniciou a carreira como jogador pelo Newell's Old Boys nos anos 1990, vivendo por anos em Rosario antes da mudança para Santiago de Compostela, primeiro dos vários destinos durante as sete temporadas em que atuou na Espanha. Passou ainda por Buenos Aires, Córdoba, Tres Arroyos, La Calera, no Chile, e várias outras cidades. Mas foi na terra do escritor e romancista José de Alencar (1829-1877) que Vojvoda encontrou a relação mais profunda com o futebol.

Esse sentimento o fez escolher pelo improvável: permanecer, mesmo cercado por pretendentes, motivado por um raro sentimento de pertencer a um lugar. "A essência do futebol está no campo, quando a bola está rolando e os torcedores se manifestam. Esse é o verdadeiro amor que as pessoas têm com as cores de sua camisa, com o seu clube... E isso encontrei em Fortaleza. Os torcedores sofreram muito, mas nos últimos anos desfrutaram. Isso me emociona", conta em entrevista à PLACAR.

Quando foi anunciado pelo clube cearense, em 4 de maio de 2021, ele era um ilustre desconhecido substituindo Enderson Moreira, demitido nove dias antes. Vojvoda, aliás, nem sequer figurava como a primeira opção do então presidente Marcelo Paz. Antes, o cartola havia procurado técnicos como Ariel Holan e Fernando Diniz. Hoje, é reconhecido por um dos trabalhos mais sólidos do país, além de ser o segundo técnico mais longevo entre clubes da Série A, atrás somente de Abel Ferreira, do Palmeiras.

Ele só rejeita com veemência o rótulo de acomodado. "Quero estar em um ambiente em que goste de trabalhar, que tenha poder de decisão, em que possa delegar. Não é por comodidade. Eu exijo da diretoria que o clube continue crescendo, mas escolho onde quero trabalhar. Sim, tenho ambição", responde, convicto.

O treinador, que morou por um ano no centro de excelência do clube, no Pici, se esforça desde o primeiro dia para falar português com desenvoltura – a ponto de brincar que seus filhos dão "pitacos" nas escalações, expressão bem brasileira. De perfil discreto, já foi visto em caminhadas pela praia e frequentando restaurantes menos badalados, de bermuda e chinelo. "Ei, bela camisa", provocou um torcedor vestido com a da seleção albiceleste, possivelmente por sua causa.

Aos 48 anos, Vojvoda está exatamente onde gostaria. Enquanto dirige o carro de seu apartamento até o CT, contempla da janela diariamente o sentimento de orgulho recuperado dos torcedores vestidos com a camisa do Laion – apelido dado pelos mais jovens, uma versão aportuguesada de "lion" (leão em inglês). "Já me explicaram que no passado muitas pessoas só assistiam ao Carioca e ao Paulista, que muita gente tem um time em São Paulo ou no Rio de Janeiro e outro aqui. E isso está mudando, quero que mude. Sinto essa mudança cada vez maior. Gosto de sair pela rua observando as pessoas de bicicleta ou de moto com a camisa. Sentir orgulho por sua terra é importante."

Tricampeão estadual e vencedor da Copa do Nordeste de 2022, responsável por levar o clube pela primeira vez aos mata-matas de Libertadores e vice da mais recente edição da Sul-Americana, Vojvoda ainda recebeu nestes anos um outro título do qual muito se orgulha. Foi reconhecido pela Assembleia Legislativa do Estado como cidadão cearense. Uma justíssima honraria para o argentino mais alencarino que Fortaleza já conheceu.

CAPA

LA PLATA NO ES TODO

AS LIÇÕES QUE RECEBEU DESDE CEDO DOS PAIS MOLDARAM O CARÁTER DO TREINADOR. ELE NÃO DESPREZA O RECONHECIMENTO FINANCEIRO, MAS PENSA ALÉM DISSO

LEONARDO MOREIRA / FORTALEZA EC

No fim do ano, você disse que precisaria de um tempo para analisar propostas. Falaram de Corinthians, São Paulo, da seleção do Chile... Por que renovou o contrato e ficou? É verdade que quando encerramos o ano de 2023 contra o Santos, na Vila Belmiro, eu tinha algumas ofertas. E eu dizia claramente que veria como encarar a sequência do projeto, se teria energia. Precisava falar com a família e com a comissão técnica. Eu sempre tive muito claro que primeiro fecharíamos o ano e, depois, [iríamos] conversar. O que é melhor? Temos um ano mais, o clube vai continuar crescendo? Qual é a proposta? Como é a energia do presidente? É o que estou sentindo também? Isto é importante: o que estou sentindo dos meus jogadores? Porque posso assinar um contrato longo, mas, se meus jogadores não estão junto, o que faremos aqui? Trocamos jogadores, como vamos renovar a expectativa? Porque o futebol brasileiro exige muito. Então, queria olhar, pensar, analisar... Marcelo Paz já vinha dizendo: "Queremos estender o contrato". E foi desse jeito, não foi com pressa. É um clube importante que não pode pensar somente em Vojvoda e Marcelo Paz, Vojvoda e Alex Santiago, Vojvoda e jogadores. Não, aqui é Vojvoda, jogadores, comissão técnica, torcedores, clube, crescimento... É uma responsabilidade grande.

Você disse em uma entrevista coletiva que pode decidir onde trabalhar, que não é por comodidade que resolveu ficar. Eu ouvi: "Vojvoda muitas vezes prefere a comodidade". Eu quero trabalhar num ambiente que gosto, com poder de decisão, entende? Que possa delegar. Quando eu falo que não é por comodidade, é verdade. Eu quero e exijo da diretoria que o clube tem que continuar crescendo, mas escolho onde quero trabalhar. A ambição? Sim, tenho. No meu primeiro ano, era entrar na Copa Libertadores. Consegui esse objetivo muito importante. Não quero falar de outros clubes, outros têm o objetivo de ser campeão. Mas uma coisa é a eficácia, outra, a eficiência. Eficácia é conquistar resultados. Tenho êxito e lógico que isso é ótimo. A eficiência é, a partir dos recursos que tenho, conquistar os mesmos resultados, entende? Isso é o que me entusiasma, me enche de paixão. Fazer crescer um clube, que é uma responsabilidade de todos. Dizem que

No Castelão, técnico contempla emocionado o mosaico feito pela torcida no fim de 2022: 'Gracias, professor'

não tenho a pressão de outros clubes de São Paulo, mas jogamos o clássico com 47.199 pessoas.

E isso é que te estimula a continuar? Sim. Não podemos confundir aquilo que é midiático com a verdadeira essência do futebol. Eu gosto de sentir os torcedores no campo, entende? Quando não existiam as redes sociais e tantos programas de televisão, a gente ia ao campo para se manifestar. Agora os torcedores vão ao campo, e quero isso, encontro isso no Fortaleza. A verdadeira essência do futebol está no campo, quando a bola está rolando e os torcedores se manifestam. Esse é o verdadeiro amor que as pessoas têm com as cores de sua camisa, com o seu clube... E isso encontrei no Fortaleza. Encontrei torcedores que sofreram muito, mas que nos últimos anos desfrutam. Isso me emociona.

É possível ver paixão em seus olhos, alguém que sente o futebol não só pelo dinheiro... Sim, o dinheiro é importante. Nos faz crescer e ajuda em muitas coisas. Todos nós queremos ter mais, não? Mas até quanto mais? O dinheiro é importante para comprar a comida, mas não se pode comer o dinheiro. Muito dinheiro ou muita comida? O que prefere? Aí respondem: "Prefiro dinheiro porque com o dinheiro vou poder comprar a comida". Mas a essência é a comida, não o dinheiro. A necessidade do ser humano é se alimentar. Então não podemos confundir isso. Eu não critico o dinheiro porque todos queremos. Eu, inclusive. Gosto de viver bem, porém não podemos confundir os valores.

Isso vem da sua família? Acho que sim. Meus pais me deram uma boa educação. Tive essa sorte, sei que nem todos têm. Foi uma educação de classe média. Vivia em um povoado, onde minha mãe segue morando, com 7.000 habitantes. Minha mãe gostaria que eu fosse visitá-la mais vezes, mas meus filhos continuam perto. Eles moram agora em Rosario e vão até a casa da minha mãe, comem um churrasco... Meus pais sempre escolheram o trabalho, nunca o dinheiro.

É a mesma filosofia que você segue ao escolher um projeto como o do Fortaleza... Sim, creio que essas pequenas coisas ficaram na minha cabeça e pouco a pouco foram marcando o meu caminho.

Você diz ser um cumpridor de contratos. Há neste novo acordo alguma cláusula que o libere em caso de algum tipo de proposta? Isso eu prefiro não falar, entende? São coisas particulares com o clube. Fica entre as duas partes. Sou muito respeitoso com os contratos. Estou bem em Fortaleza, quero continuar trabalhando aqui.

O quanto significa a relação que construiu com o clube? Eu ajudei a fazer o clube crescer e eles me ajudaram a crescer. É um ciclo, uma retroalimentação contínua. Em muitas partidas sinto uma atmosfera particular com o Castelão lotado. Temos que continuar desse jeito para mais. O Castelão tem que ser a nossa casa. Temos que sentir orgulho disso. Muitas vezes tenho contato com um tipo de torcedor aqui em Fortaleza, agora cada vez menos, que me diz: "Ei, Vojvoda, você tem que ir para o Palmeiras, Corinthians, Botafogo". E eu digo: "Mas você é cearense? Por que me diz isso?" Já me explicaram que no passado muitas pessoas só viam o Carioca e o Paulista. Muita gente tem um time em São Paulo ou no Rio de Janeiro e outro aqui. E isso está mudando, quero que mude. Gosto de sair pela rua dirigindo e observando as pessoas de bicicleta, de moto, andando com a camisa... Sentir orgulho por sua terra é importante. Eu quero isto, que as pessoas do futebol se sintam identificadas com o clube e que essa identificação seja forte. É o sentido de pertencer. Eu falo que Vojvoda vai passar, Marcelo Paz vai passar, diretoria vai passar, e o que vai ficar sempre será o torcedor. Eu posso ter boas lembranças de 2021, da conquista de Copa do Nordeste em 2022, de momentos aqui, mas posso conseguir em outro clube. Só que o torcedor é que vai se lembrar, vai ser torcedor do Fortaleza pelo resto da sua vida, e isso é o mais importante para mim.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O Leão de Ouro, em destaque em sua sala; premiação é destinada a quem contribui com a história do Fortaleza

O SEGREDO DA LONGEVIDADE

HÁ 34 MESES NO CARGO, O ARGENTINO GOZA DE ALGO RARO NO BRASIL: TEMPO. ELE DIZ TRABALHAR DE FORMA TRANSPARENTE COM DIRIGENTES DO CLUBE E APRENDEU A PÔR NO TOPO O RELACIONAMENTO COM OS JOGADORES

Você chegou desconhecido ao país. Qual é o segredo para a longevidade no futebol brasileiro? Acho que não há muito segredo. É planejamento e, principalmente, a relação com Marcelo Paz *[CEO da Fortaleza EC SAF]* e com Alex Santiago *[presidente do clube]*. São as duas pessoas com quem converso desde o primeiro momento. Construímos um compromisso mútuo, tanto para os momentos bons quanto para os momentos difíceis. Não só em resultados, mas no dia a dia, depois dos treinos, com as nossas conversas antes e depois de jogos. Esse acompanhamento é muito fluido. O principal fator é a confiança.

Muitas vezes o acordado acaba sendo rasgado pela ausência de resultados. As coisas entre você e Marcelo Paz parecem realmente diferentes. Não quero falar de outros treinadores, mas posso explicar o que aconteceu comigo. Muitas vezes as partes assinam um contrato longo, mas o que vai acontecer nos momentos difíceis para que o contrato não vire somente um papel? A partir daí começa a aparecer o verdadeiro objetivo. O jogador também precisa saber que, se as coisas estão ruins, o projeto vai continuar. E, se estão boas, vai seguir crescendo. Muitos podem traçar objetivos ambiciosos, o futuro daqui a cinco anos, mas é preciso estar de acordo com a realidade. No treino, na relação com um jogador, na relação com a própria comissão técnica, há conversas com carinho e outras em que é preciso se impor. Há coisas que se pode negociar com os jogadores e a diretoria, há outras em que é preciso ser firme.

JOÃO MOURA / FORTALEZA EC

O treinador português Renato Paiva disse certa vez que duas experiências com jogadores o marcaram a ponto colocar sempre as relações pessoais como o mais importante. Você concorda? Sim, no topo estão as relações pessoais. Isso não significa que eu não possa ter uma relação apenas correta ou profissional, como deve ser. Eu não sou amigo de meus jogadores. Tenho uma proximidade com um ou outro, mas também há aqueles que necessitam de

Treinador construiu relação de confiança e muita admiração com seus comandados

um pouco mais de espaço. Não é nem a distância excessiva nem a proximidade invasiva. Muitas vezes falo com meus auxiliares, com Gastón [Liendo] e Nahuel [Martínez]: "Quero que vocês fiquem perto". Gosto de ler e de escutar [César Luis] Menotti, campeão do mundo com a Argentina em 1978, que muitas vezes falava: "Os jogadores são pessoas que jogam futebol". Acho que os que conseguem extrair um maior rendimento dos jogadores são esses treinadores. Você pode propor uma tática, a disciplina, só que isso tem vida limitada. Quando cria outro tipo de relação, o jogador pode dar um "plus" de rendimento.

E isso se dá por ter começado trabalhando com jovens no Newell's? Sim, encerrei a minha carreira como jogador e comecei treinando jogadores de 14 e 15 anos. E aí vem o entendimento que somos formadores. Muitas vezes parece que os jogadores que jogam a primeira divisão têm que saber tudo. Como não sabem parar uma bola ou dar um passe? Como não sabem se posicionar taticamente? Não sabem. E tenho que ensinar. Precisamos continuar ensinando e aprendendo com eles. O atleta tem 24 anos e às vezes ensina a mim um posicionamento tático que eu não imaginava. Esses anos no futebol de base me ajudaram muito. Aprendi muito com companheiros de Newell's, em conversas que me marcaram com o meu coordenador, Jorge Tayler, que agora é auxiliar de Tata Martino. Trabalhei com Carlos Picerni, que foi o primeiro auxiliar de Bielsa. E hoje com meus companheiros de dia a dia.

'É UM ÍDOLO SEM FAZER FORÇA'

Marcelo Paz, CEO da SAF que controla o clube, conta a admiração pelo técnico, a quem reputa como dono de um caráter exemplar

LEONARDO MOREIRA / FORTALEZA EC

Da esq. para a dir.: Nahuel Martínez, Vojvoda, Marcelo Paz e Gastón Liendo em homenagem pela marca de 200 jogos completada logo na estreia da temporada

Minha relação com Vojvoda é respeitosa de parte a parte. Nunca tivemos um desentendimento grave. Como ser humano ele nunca me decepcionou. Todas as suas atitudes com funcionários, torcedores e jogadores são pautadas pela ética, pela verdade. Tenho profunda admiração por ele como profissional, como pai, como marido. Vejo o respeito que os filhos têm por ele, o quanto o amam. A disciplina deles é muito da criação que o casal deu. Um cara que valoriza as pessoas, se preocupa com todos do clube. É discreto, muito na dele, não faz questão de aparecer em nada. E é justamente por isso que as pessoas gostam muito dele. É um ídolo sem fazer força. Sem palavras de efeito, sem falar mal de ninguém, sem fazer bravata ou espetáculo com a torcida. Ele conquistou tudo por ser quem é. Eu gosto de trabalhar com ele, de tê-lo no nosso ambiente e da forma como lidera a equipe. A escolha por ele em 2021 tem muito a ver com o perfil que gostaríamos: agressivo, que atacasse muito. Por dois motivos: porque tínhamos ido bem com o Ceni, que é assim, e segundo porque o nosso primeiro objetivo na Série A de 2021 era a permanência. E, para isso, entendia que tínhamos que atacar os times do nosso mesmo nível de perfil econômico como Bahia, Ceará, Juventude, América-MG, Cuiabá... Identificamos o nome do Vojvoda, estudamos o modelo de jogos e vimos que era o que queríamos. Fizemos uma série de entrevistas, trocamos material sobre jogadores. Ele quis ver partidas do Ceni e do Enderson até chegarmos ao "match". A permanência agora se dá muito mais pelo dia a dia, por saber o que é o Fortaleza como instituição, os sonhos, o fato de querer crescer. Ele vivenciou e viu de perto. A renovação foi diferente. Geralmente ela é feita no final do ano, mas conseguimos antecipar. Isso dá tranquilidade, porque os jogadores sabem que ele estará aqui. Vojvoda, sem dúvida, já é cearense.

CAPA

Trabalho sólido faz Vojvoda acumular respeito e boa aceitação até com técnicos brasileiros

MATEUS LOTIF / FORTALEZA EC

ESCOLA ARGENTINA x BRASILEIRA

VOJVODA COLOCA AINDA MAIS EM ALTA A BADALADA LINHAGEM DE TÉCNICOS DO PAÍS VIZINHO, MAS NÃO QUER DESMERECER OS COLEGAS BRASILEIROS. O SONHO DELE É CONHECER OUTRAS CULTURAS FUTEBOLÍSTICAS – E, QUEM SABE, ASSUMIR UMA SELEÇÃO NO FUTURO

Há ótimos nomes na escola argentina de técnicos, como Scaloni, Simeone, Pochettino, Tata Martino e Bielsa, atuando na Europa ou em seleções sul-americanas. Por que formam tantos bons treinadores, na comparação com o Brasil? Não sei se tenho uma leitura muito clara sobre isso. É verdade que há técnicos argentinos que conseguem se destacar, principalmente na América do Sul e na Europa, mas eu considero que o futebol brasileiro é um grande centro, também. Talvez alguém fale: "Eles trabalham na Europa". Eu também gosto muito da Premier League e de La Liga. Há muito dinheiro, lá estão os melhores jogadores, mas por que diminuir o Brasil e a América do Sul? No Brasil é muito difícil de jogar. Então cada um com sua cultura. O país foi pentacampeão do mundo com cinco treinadores brasileiros. Não é porque são da Europa que virão ensinar.

Como você vê o nível dos treinadores brasileiros? Há treinadores muito bons, como Renato Gaúcho, Felipão, Dorival Júnior, Fernando Diniz, Cuca... Não quero esquecer de nenhum. O Brasil também se caracteriza por isso. O argentino tem conseguido [mais sucesso fora] porque tem um pouco dessa ambição de conhecer a América do Sul.

E o que mais ajuda os argentinos? É a escola, o idioma? Pode ser. Talvez o pensamento do argentino de sair de seu país e encontrar outras motivações, também. Pode ser que o treinador brasileiro encontre a motivação dele aqui, o Brasil é quase um continente de tão grande. Ou talvez para esses técnicos a ambição seja dirigir Corinthians, Santos, Palmeiras, São Paulo... Ir a Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza. Enfim, conhecer todo o país.

E você? Sonha treinar um clube na Europa? Tenho a ambição de conhecer outras culturas futebolísticas.

Não somente a Europa, então? Não, estou em aberto a outras possibilidades. Logicamente que a Europa me entusiasma. Vejo boas partidas quando ligo a TV. Assisto Premier League, La Liga, Série A italiana... Mas nessas ligas há jogadores de todo o mundo. Então, é aquilo que falávamos de dinheiro. O dinheiro às vezes ajuda porque reúne muitos jogadores de diferentes nacionalidades, e essa reunião faz com que a liga continue evoluindo.

Treinar a seleção argentina é um sonho? Não sei se um sonho, tampouco um objetivo, porque não miro objetivos muito distantes. A seleção argentina é um privilégio, mas também há que fazer uma avaliação do momento de cada um. Neste momento eu me vejo treinando clubes, não quer dizer que dentro de um ano ou dois isso não possa mudar. Treinar uma seleção seria bom também porque tem outro ti-

outro tipo de desafio. Como faço para conseguir implementar uma ideia com uma semana de trabalho?

O Marcelo Paz disse que você rejeitou uma seleção sul-americana. Sim, mas essas são coisas particulares.

Acha possível um argentino um dia treinar a seleção brasileira? Scaloni elogia muito os brasileiros com quem conviveu, mas não parece haver essa reciprocidade de nossa parte. Acho que primeiro precisa haver uma comunhão. Seleção tem que ter isso. É necessário ter a comunhão que Scaloni conquistou na Argentina, por exemplo, porque a seleção é de todos. Pode acontecer um estrangeiro na seleção brasileira, mas vai necessitar esse processo antes. Seria aceito ou enfrentaria muita resistência?

MATEUS LOTIF / FORTALEZA EC

MATHEUS AMORIM / FORTALEZA EC

AS ANDANÇAS DO PROFE

COMO JOGADOR

Newell's Old Boys (ARG)

SD Compostela (ESP)

Algeciras (ESP)

Cultural Leonesa (ESP)

CD Baza (ESP)

Tiro Federal (ARG)

Sportivo Belgrano (ARG)

Sarmiento de Leones (ARG)

Na parede da casa dos pais, a foto orgulhosa do então zagueiro marcando Diego Armando Maradona: 'Não sei se aquele Vojvoda jogaria no meu time'

COMO TREINADOR

NEWELL'S OLD BOYS (2016-2017)

3 JOGOS: 1 E, 2 D **(11,1%)**

DEFENSA Y JUSTICIA (2017-2018)

24 JOGOS: 14 V, 3 E, 7 D **(62,5%)**

TALLERES (2018-2019)

36 JOGOS: 14 V, 9 E, 13 D **(47,2%)**

HURACÁN (2019)

7 JOGOS: 1 V, 3 E, 3 D **(28,5%)**

UNIÓN LA CALERA (2020-2021)

40 JOGOS: 18 V, 10 E, 12 D **(53,3%)**

FORTALEZA (desde maio de 2021)

208 JOGOS: 104 V, 47 E, 57 D **(57,5%)**

Campeonato Cearense (2021, 2022 e 2023) e Copa do Nordeste (2022)

*Números contabilizados até o fechamento desta edição, em 1º de março de 2024

Cabisbaixo e com a medalha do vice no peito: técnico assimila o amargor da derrota na final contra a LDU

JOÃO MOURA / FORTALEZA EC

A DOR DA SULA E OS SONHOS A MAIS

EM MALDONADO, O FORTALEZA PERDEU NOS PÊNALTIS O AGUARDADO TÍTULO CONTINENTAL. TREINADOR AGORA QUER VOLTAR A DISPUTAR A LIBERTADORES E ACREDITA QUE CLUBES DO NORDESTE PODEM EM BREVE LUTAR PELO TÍTULO DO BRASILEIRÃO

Seu trabalho é marcado pela conquista de quatro títulos, mas há também um vice na Sul-Americana nos pênaltis. Foi a derrota mais dolorosa da carreira? Já está digerida. Olhando para trás, vemos que chegamos muito perto. Por tudo o que caminhamos, provoca um pouco de dor, mas são coisas de futebol. Lamentei muito pelas pessoas que trabalharam no dia a dia e principalmente pelo torcedor. Não falo só para ficar bem com eles, mas porque vão se lembrar disso para sempre. Eu posso conseguir algo em outro clube, ou ter outras oportunidades, mas o torcedor vai lembrar para sempre, vai continuar pensando nessa final.

Em 2022, você colocou toda a sua energia em levar o clube pela primeira vez a um inédito mata-mata da Libertadores. É um título que você persegue? Em 2021, conseguimos a classificação. Terminamos em quarto na tabela do Brasileirão, com classificação direta. É verdade isso [de gostar da Libertadores], não sei se por ser argentino, mas pelo fato de ter crescido vendo jogos quarta e quinta-feira à noite. Lembro muito dos anos 1990, o Newell's Old Boys no Coloso del Parque (hoje estádio Marcelo Bielsa). Perdemos a final de 1992 para o São Paulo de Telê Santana, eu ia sempre aos jogos. Eu fui também à final de 1988, com o Nacional (URU). Bom, conseguimos a classificação em 2021 e coloquei esse objetivo para o clube e os jogadores: "Não é só estar aqui, aproveitar o mosaico da torcida, mas temos que nos classificar à próxima fase". Eu queria jogar os mata-matas de Libertadores. Em 2022 conseguimos o Cearense e a Copa do Nordeste, o que foi muito legal, mas havia um foco. Queria que o time desfrutasse, mas também executasse a tarefa. Conseguimos, mas foi um aprendizado, porque o Brasileirão ficou para trás. Quando saímos da Libertadores e pensamos em subir na tabela foi muito difícil. Gostaria de ganhar o título? Sim, gostaria.

Ganhar o Brasileirão por uma equipe do Nordeste seria algo muito grande. É possível no projeto do Fortaleza cogitar isso? Você está falando de objetivos e resultados. Acho que o Nordeste está com capacidade para brigar por um título. O Nordeste é uma região com muita paixão pelo futebol, a estrutura tem crescido, a organização tende a ser melhor e a competitividade vai crescer também.

LUCAS EMANUEL / FORTALEZA FC

Na avenida Beira-Mar, em Fortaleza: a comemoração foi enorme após o inédito penta estadual — o terceiro dele

CAPA

MARCAS DA VIOLÊNCIA

ATENTADO CONTRA A EQUIPE NA MADRUGADA DE 22 DE FEVEREIRO, NA SAÍDA DA ARENA PERNAMBUCO, APÓS JOGO PELA COPA DO NORDESTE, DEIXOU SEIS JOGADORES FERIDOS E THIAGO GALHARDO AFASTADO, PARA CUIDAR DA SAÚDE MENTAL. O TÉCNICO PEDE: 'É PRECISO CORTAR O MAL PELA RAIZ'

MATEUS LOTIF / FORTALEZA EC

Na penumbra, um homem também preocupado com os episódios de violência no país

Como lidar com o ataque sofrido após o jogo contra o Sport? Foi um momento muito complicado. Eu estava na parte mais baixa do ônibus e escutei uma explosão muito forte e gritos. Foi uma pedra com uma bomba que explodiu dentro do ônibus. E nesses cinco segundos pensei: "Que não tenha acontecido nada com ninguém lá em cima". Eu pensava no pior, me entende? Pedi a Deus que não tivesse acontecido, mas poderia ter acontecido algo muito mais grave. Acho que temos que ser radicais por completo, esse é o único jeito de resolver isso: punições muito severas. Não é para um clube ou outro, mas muitas vezes tem que cortar pela raiz essas questões. Falaram para Marcelo Paz: "Ah, é só uma pedra". Não é só uma pedra. Foram uma pedra e uma bomba. Poderíamos ter uma vítima fatal. Não aconteceu nada. Mas e se acontecesse? Como podemos evitar? O melhor que temos aqui [no Brasil] é a paixão. Eu gosto muito dos mosaicos, que continuem jogando com ambas torcidas, isso é bom, mas também há um limite. Você não pode passar de determinados limites. Tem que trabalhar por isso. Nós, que estamos envolvidos nisso, somos parte disso, temos que trabalhar juntos para que isso não aconteça mais.

Você disse que estava na parte baixa do ônibus. Sim, primeiro subiu o preparador físico, havia muita fumaça em cima. Celulares jogados, jogadores pelo chão, muito vidro, porque a pedra quebrou um vidro e depois todos os outros se quebraram com a explosão. O médico estava atrás de mim e eu disse: "Sobe, sobe, vá ver se há feridos". Eu fiquei embaixo.

E tudo isso longe da família. Como eles acompanharam? Minha esposa me mandou mensagem porque o meu filho menor tem redes sociais e estava acompanhando a partida. Um dos jogadores postou algo e a partir daí me comuniquei [com a família] e fiquei transmitindo tranquilidade sobre o estado de saúde de cada um.

Como foi a conversa com os jogadores logo depois do ocorrido? Fomos para o hotel e depois para o hospital. Desceram o Escobar, o Dudu, que estava com estilhaços no corpo, o Sasha... Eu estava numa cadeira e se senta do meu lado o Escobar muito assustado, não sabendo bem o que tinha acontecido. Todo cortado. Tratei de acalmá-lo, falando que ia ficar tudo bem. Ele estava consciente, mas com muito sangue, antes de descer para o hospital. É difícil [pensar em futebol], mas já estou pensando. Uma vez que disseram que estão todos bem, preciso ver como se sentem, como está o estado de ânimo deles. Mas já estou pensando, não vou mentir. Penso novamente em futebol porque é assim. É verdade que quero ter igualdade de condições também: perdi seis jogadores por uma coisa que não foi dentro do campo. O Titi tinha um vidro na panturrilha. Para uma pessoa que não joga futebol, você corta, abre músculo, tira e recupera em dois meses. Mas você não pode fazer isso com um jogador profissional porque, se cortar um músculo, isso pode comprometer sua carreira. Ficamos em desvantagem nisso.

FAMÍLIA DISTANTE E UM QUASE DOUTOR

EM FORTALEZA, O ARGENTINO É CERCADO DE AMOR, MAS VIVE LONGE DA MULHER E DOS TRÊS FILHOS. E PENSAR QUE SETE ANOS ATRÁS ELE DECIDIU TROCAR A CARREIRA DE MÉDICO PELO FUTEBOL

Com os filhos Marko, Matias e Santino e a esposa Marite; família se fixou em Rosario

ARQUIVO PESSOAL

Chama atenção o fato de você não estar com a família no Brasil. Por que essa decisão? Quando eu era jogador, íamos de um lado para o outro juntos, mas, no momento em que voltamos para a Argentina, decidimos morar em uma cidade em que nossos filhos tenham seu próprio espaço. Comecei a vida como treinador [em 2017] e sei que ela nos leva para muitos lugares. Eles acompanham muito tudo, estão sempre perto do que acontece. Era assim quando dirigia o Defensa y Justicia, por exemplo. Morava em Buenos Aires, eles em Rosario, mas era mais fácil porque todo fim de semana eu voltava. Tinha um ou dois dias livres e eles iam ver as partidas, mas depois fui a Córdoba, depois ao Chile... Agora estamos no Brasil, uma distância muito maior.

Mas eles parecem gostar da cidade, do seu envolvimento com a torcida... Sim, eles sabem tudo. Vivem como se estivessem aqui. Se perguntar aos meus filhos a escalação, eles podem elencar cada jogador, do camisa 1 ao 30, conhecem todos de verdade. Quando estão em Fortaleza, nas férias, vão aos treinos, observam, vão aos jogos. Dão pitacos, também. É isso, vivemos desse jeito. Eles sabem tudo e eu sinto orgulho por isso também, eu transmiti essa paixão por futebol a eles.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Você fala do amor da família pelo futebol, mas quase seguiu na medicina. Eu fui para o Newell's Old Boys com 14 ou 15 anos, saindo de Cruz Alta. Cheguei aos 18 e ainda não conseguia ser profissional, então minha mãe me disse: "Bom, vamos continuar trabalhando, estudando...". Gostava de medicina e comecei a cursar a universidade, mas seguia jogando futebol. Quando completei 20 anos, consegui me profissionalizar. Estava no segundo para o terceiro ano de medicina e meus pais me disseram em uma conversa que para o futebol esse era o momento, porque com 40 anos não poderia mais jogar, e medicina ainda sim. Continuava perto da medicina, até para manter a cabeça ocupada. Fui para a Espanha, deixei de estudar, ficamos mais de sete anos lá. Quando encerrei a carreira, virei treinador, mas ao mesmo tempo voltei para a universidade. Até que fechei todas as matérias, para fazer a PFO (Prática Final Obrigatória), um estágio que consiste em três meses de ambulância, três de hospital e os últimos três em centros de saúde. Fiz os três primeiros, mais três e ingressei nos últimos três. Nesse momento recebi uma ligação de Christian Bragarnik (advogado do Defensa y Justicia) para uma proposta. Ele estava com o presidente e disse: "Você pode viajar a Buenos Aires? Quero ter uma conversa com você". Faltava apenas um mês para conseguir o diploma de médico. Eu gostava de estudar, me interessava, mas quando estava no hospital não sentia a vontade que meus companheiros tinham. Gostava da medicina para ler, mas a prática não me apaixonava. Talvez, se tivesse continuado, teria ido para um caminho de pesquisa. Fui para casa e falei com minha mulher, que me apoiou: "Se você ama o futebol, escolha o futebol". E foi assim: voltei ao futebol. ■

FEITOS UM PARA O OUTRO

DIEGO PITUCA DEVOLVEU AO SANTOS A ALEGRIA, SUA MARCA REGISTRADA. DEPOIS DE SOFRER A DISTÂNCIA COM O REBAIXAMENTO PARA A SÉRIE B EM 2023, O VOLANTE IGNOROU PROPOSTAS PARA LEVAR O CLUBE QUE AMA DE VOLTA À ELITE NACIONAL. DISCRETO, EFICIENTE E LÍDER EM CAMPO, ELE É TUDO O QUE O TORCEDOR SANTISTA QUERIA

Por: Klaus Richmond, de Santos
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Pituca mal havia chegado com a família às geladas montanhas de Niseko, no Japão, quando anunciou uma pequena pausa no roteiro de férias na neve, aguardado com ansiedade pela mulher, Lidiana, e a filha, Maria Alice. No dia 7 de dezembro, ele repetiria um hábito já conhecido nos meses anteriores: passaria a manhã assistindo pelo tablet a um jogo do Santos, especificamente o que selaria mais um ano de permanência na elite nacional ou um inédito rebaixamento. "O time tinha feito bons jogos e vencido Palmeiras e Flamengo. Como o último era em casa, pensei: 'Na Vila, não perde...'"

Pituca viu, a exatos 17.823 quilômetros de distância, não somente a derrota para o Fortaleza como o episódio mais doloroso dos 111 anos de história do clube, encerrado com marcas de revolta e violência pelos torcedores no entorno da Vila Belmiro. O passeio em família prosseguiu, mas o coração ficou ferido.

"Foi difícil acompanhar tudo de longe, ficava com aquela sensação ruim de não poder ajudar. Infelizmente os japoneses não me liberaram [na metade do ano], então sofri muito como torcedor. [A viagem] era um momento especial para elas, só que eu não tirava mais aquilo da cabeça. Ficava toda hora falando: 'Se eu estivesse lá, se eu estivesse lá...'. Minha esposa até tentava me ajudar, mas o passeio ficou estranho depois disso", conta à PLACAR.

Santista por influência de um tio, numa família predominantemente corintiana, Pituca sentiu naquele momento a dor de um torcedor. Com um pré-contrato assinado com o clube desde julho, aceitou readequar as bases acordadas para ajudar na disputa da Série B, mesmo com o interesse de outras equipes da elite – o Internacional era uma delas.

"A segunda divisão para mim nunca foi um demérito. Eu queria voltar para o Santos, só isso. O [Alexandre] Gallo *(executivo de futebol do clube)* ligou para o meu empresário e marcamos uma reunião. Falei que gostaria de ajudar, fazer parte dessa reconstrução. O Gallo ainda brincou: 'Eu sei que você tem outros clubes atrás, mas pensa no Santos também'. Eu falei que se não estivesse pensando no Santos não teria assinado um acordo cinco meses antes do término do meu contrato. E que só pensaria em algo diferente se não existisse o Santos no mundo. Ele respondeu: 'Você é santista mesmo, né?'"

Aos 31 anos, o meio-campista canhoto nascido em Mogi Guaçu ocupa hoje um protagonismo inédito na carreira. Virou uma espécie de pilar do projeto que tenta reconstruir o clube após o cenário apocalíptico. Foi um

Aquele sorriso: capitão, camisa 8 sonha conduzir o Santos novamente aos títulos em 2024

dos 14 nomes contratados até aqui – o mais recente é o goleiro Gabriel Brazão –, em uma enorme reformulação promovida pelo presidente Marcelo Teixeira, eleito em dezembro. O perfil de Pituca é tudo de que o Santos precisava: discreto, eficiente e sabe como ninguém como é sofrer no futebol.

O meio-campista tem uma trajetória incomum. Só teve a primeira chance em um grande clube aos 25 anos, contratado para jogar no time B do Santos. Antes, havia atuado por camisas mais modestas do interior do estado, como Brasilis, Matonense e União São João, além do Botafogo de Ribeirão Preto. Chegou a largar o esporte para virar estoquista em uma loja de sapatos por três meses, e jogou a terceira e a quarta divisões do Estadual.

RAUL BARETTA/ SANTOS FC

"Eu só não parei de jogar pelos meus pais. Não fossem eles, teria encerrado há muito tempo. Meu pai tirava o que comer de casa para me dar uma chuteira, enquanto minha mãe trabalhava de diarista. À noite ela saía para passar roupa na casa das pessoas. E eu tentando, tentando... Então tudo isso me motiva muito hoje. Quando cheguei ao Santos B, com 25, me chamaram de louco, mas eles seguiam lá me incentivando. Hoje sou um dos capitães da equipe", lembra.

O agora camisa 8 – era 21 na primeira passagem – ganhou do técnico Fábio Carille a braçadeira, algo também inédito na carreira. Costuma ouvir provocações internas de companheiros pela dificuldade que tinha de falar, o jeito tímido, interiorano. E passou a ser elogiado justamente pela forma silenciosa como age. "Quando voltei, o Carille me chamou dizendo que seria um dos capitães. Achei legal, só não esperava que no jogo contra o Botafogo-SP, o primeiro da temporada, eu já assumiria *(risos)*. É uma responsabilidade a mais. O Renato *(ex-volante do clube)* brincou comigo que eu não falava nada na primeira passagem em que estivemos juntos, em 2017, e que agora quer um dia vir aqui para me ouvir falando. Não gosto muito de falar, mas acho que demonstro em campo."

A passagem de três anos pelo futebol japonês fez nascer uma versão mais madura do jogador, dentro e fora de campo. No futebol asiático, passou a cobrar faltas e assumiu a condição de primeiro volante, atuando entre as linhas de defesa e de meio-campo, mais recuado do que nos tempos de Brasil. Mas impressionou mesmo na apresentação do último dia 9 de janeiro ao exibir um físico bem mais forte. Foram oito quilos de massa magra adquirida, com apenas 8,9% de gordura corporal, fruto de um trabalho com o preparador físico Tiago Franco. Ele também precisou mudar drasticamente os hábitos alimenta-

RAUL BARETTA/ SANTOS FC

MINHA NADA MOLE VIDA

Mineiros-GO
2011
Jogos: - / Gols: -

DIVULGAÇÃO / BRASILIS FC

Brasilis
2011
Jogos: 15 / Gols: -

Guaçuano
2012-2013
Jogos: 47 / Gols: 6

Beijos, abraços...: seja com crianças, técnicos ou ídolos do clube, Pituca exala amor na Vila Belmiro

res. Em 2019, chocou a nutricionista do Santos ao dizer que se alimentava basicamente de fast-food e bolachas. Hoje faz uso de um anel com tecnologia para monitoramento do sono e da ansiedade, medindo os índices de recuperação diários.

"Em 2019 eu fugia da Alê *(Alessandra Favano, nutricionista do clube)*, mas um dia ela ficou me esperando para me perguntar como era a minha dieta. Eu falei: 'Digo a verdade ou minto?'. Ela me pediu a verdade, claro, e contei que era basicamente McDonald's, Burger King e coxinha. Isso a surpreendeu: 'Nossa, mas como você consegue correr tanto?'. Brinquei dizendo que era o meu combustível, mas, na verdade, quando eu saía de uma partida não aguentava mais nada. Precisava deitar e não conseguia nem levantar a perna. Eu fui tentando melhorar, mas quando fui para o Japão, onde o McDonald's é ruim, comecei a mudar de fato. Conheci uma nutricionista que me ajudou a me alimentar melhor, fez um plano que eu pudesse seguir. Hoje peso o meu prato, como salada e é muito difícil comer alguma coisa fora", relata.

RAUL BARETTA/ SANTOS FC

Em campo, a melhora física é traduzida em mais minutos, nenhuma lesão e uma recuperação bem menos sofrida, apesar dos anos a mais. Atuou nos dez primeiros jogos do Santos na temporada, sendo substituído em apenas dois deles e já no final das partidas: aos 42 e aos 37 minutos do segundo tempo.

Na primeira passagem pela Vila Belmiro, Pituca foi anunciado em 2 de junho de 2017 de forma discreta: com uma foto publicada no site do clube assinando o contrato, sem apresentação oficial, apontado no texto como "destaque do Botafogo de Ribeirão Preto para o Santos B, comandado pelo técnico Kleiton Lima".

Disputou a Copa Paulista daquele ano, mas não ganhou oportunidades na equipe principal, com Levir Culpi. Em 2018, recebeu de Jair Ventura a sonhada chance de vestir a camisa do clube de coração e encontrou com Cuca, meses depois, a primeira grande sequência como titular. Mas foi a chegada do argentino Jorge Sampaoli, em 2019, que mudou por completo a sua

DIVULGAÇÃO / UNIÃO SÃO JOÃO EC

União S. João
2014
Jogos: 13 / Gols: 3

DIVULGAÇÃO / MATONENSE

Matonense
2013-2015
Jogos: 65 / Gols: 6
Paulista Segunda Divisão (2013)

ROGÉRIO MOROTI / BOTAFOGO

Botafogo-SP
2015-2017
Jogos: 60 / Gols: 3
Brasileirão Série D (2015)

DIVULGAÇÃO / KASHIMA ANTLERS

K. Antlers
2021-2023
Jogos: 109 / Gols: 8

IVAN STORTI / SANTOS FC

Santos
2018-2020 e 2024
Jogos: 161 / Gols: 9

*Números contabilizados até o fechamento desta edição, em 1º de março de 2024

PERFIL

TODO MUNDO GOSTA DE MIM

♫ *"Eu sei que eu sou bonito, divertido e inteligente... Só não sei como é que eu pude conquistar toda essa gente"*

FAZ-TUDO DE RESPEITO, BOM TATICAMENTE... PITUCA É AMADO (SEM EXCEÇÃO) POR TODOS OS TREINADORES COM QUEM TRABALHOU NO SANTOS

IVAN STORTI/ SANTOS FC

"Jogador que eu pincei (do Santos B) e hoje é importantíssimo na ausência do Alison, vem ajudando demais o time. Muitos treinadores me ligaram para perguntar dele e nós seguramos."
JAIR VENTURA, junho de 2018

IVAN STORTI/ SANTOS FC

"Diego é tão generoso e bom jogador que joga em qualquer lugar... É muito completo. Ele disputa o jogo inteiro com a mesma intensidade."
SAMPAOLI, março de 2019

IVAN STORTI/ SANTOS FC

"Sempre pensei no Pituca como interior, um médio interior de características ofensivas. Box-to-box em 90 minutos porque tem qualidade física e força mental. É um jogador de que gosto muito, tem vantagem de fazer ala e, quando é para jogar só um volante, também joga."
JESUALDO FERREIRA, março de 2020

IVAN STORTI/ SANTOS FC

"Pituca tem tantos dons, sabe? Junta o meio-campo ao ataque, corre 11 quilômetros por jogo, não reclama de nada, cobre o Soteldo, cobre o outro... O cara é maravilhoso, uma pessoa sensacional. Para mim ele não tem defeito."
CUCA, janeiro de 2021

RAUL BARETTA/ SANTOS FC

"É um cara que acompanho desde o Botafogo-SP, quando eu estava no Corinthians, antes de vir para o Santos. Já sabia desse perfil positivo, de uma liderança pela sua atitude, o seu comportamento... Estou muito feliz com essa oportunidade de trabalhar com ele."
FÁBIO CARILLE, fevereiro de 2024

*Trecho da música do Ultraje a Rigor

carreira. Foram 58 jogos, sendo titular em 54 deles.

"Sampaoli mudou a cabeça de todos porque é um cara muito intenso. Ele é difícil, mas conseguiu nos passar coisas que faziam o futebol ficar simples. Treinávamos, fazíamos a coisa certa e parecia que íamos para o jogo já sabendo que ganharíamos. Tudo o que ele falava acontecia. Ele conseguiu extrair minha melhor versão. É alguém com quem gostaria muito de trabalhar de novo, que chegava no CT às 8 da manhã e ia embora às 10 da noite", conta o meia, elogiado publicamente pelo argentino (confira no box ao lado).

Na volta, este ano, ele iniciou uma parceria de sucesso com o volante João Schmidt, ao seu estilo: canhoto, de perfil discreto, quase da mesma idade (30 anos) e de longa passagem pelo futebol japonês. Um casamento perfeito. Segundo números do *Sofascore*, até a décima rodada, Schmidt era o segundo em desarmes no Paulistão, com 27 registros, enquanto o camisa 8 somava 20.

"Eu o conhecia de jogar contra, sabia um pouco das características. É um cara que marca muito bem e também consegue sair com a bola. A gente deu tão certo que sempre nos perguntamos: 'Como é que conseguimos nos entender tão rápido, hein?'. Respondo para ele que temos experiências parecidas, quase a mesma idade e características, tudo isso ajuda."

Diego desconhece a origem do apelido que passou do avô para o pai e finalmente para ele, que era conhecido como Pituquinha na infância. "Ninguém sabe de onde veio, vamos morrer sem saber." O que o diverte mesmo é outra alcunha carinhosa: Pitukroos, uma brincadeira dos ex-companheiros em comparação com o alemão Toni Kroos, do Real Madrid: "É bacana, dou bastante risada. Tem memes sobre isso, sobre o meu sorri-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

IVAN STORTI/ SANTOS FC

Ao lado da mulher, Lidiana, e da filha, Maria Alice: sendo consolado no Maracanã após o vice continental

A DOR DO VICE E O TÍTULO PROMETIDO

A LIBERTADORES PERDIDA PARA O PALMEIRAS, EM JANEIRO DE 2021, NÃO SAI DA CABEÇA

"Ainda assisto àquele jogo inteiro contra o Palmeiras, acredita? Teimo em achar que não é verdade o que aconteceu naquele dia no Maracanã, mas às vezes estou pesquisando algo no YouTube, aparece o jogo como sugestão e acabo vendo de novo. Dói muito ainda aquela derrota, porque fizemos uma semifinal incrível contra o Boca Juniors e na decisão não conseguimos repetir esse desempenho. E, infelizmente, teve aquele gol sofrido no final. Eu falo sempre: podem cruzar mais mil bolas para aquele cara (Breno Lopes) que não acerta aquela cabeçada. Não era para acontecer, mesmo, infelizmente não conseguimos o título. Só acho que pela campanha, por tudo o que passamos naquele ano para chegar até aquela final, merecíamos muito um desfecho melhor. Foi um ano incrível para mim. Estávamos extremamente confiantes, pois havíamos passado também pelo Grêmio nas quartas. Infelizmente, as coisas não terminaram do jeito que gostaríamos. Eu brinco com o João Paulo que se vai para os pênaltis teríamos uma maior chance, acreditava muito nisso, mas tudo acontece no tempo de Deus. Futebol proporciona isso. Eu falei que saí daqui devendo um título para a torcida, sei disso. Bati na trave duas vezes, na Libertadores e no Brasileirão, então voltei para pagar essa dívida e conseguir dar esse título para o torcedor. O Paulista e a Série B seriam muito bons, mas ainda não pagariam a minha promessa. Eu quero mais. Meu maior sonho é ter o meu rosto pintado no muro onde estão os ídolos de verdade. Eles foram campeões e marcaram o nome na história. Então, quem sabe também não chego lá? Para isso preciso de uma Libertadores, de um Brasileiro... algo bem grande. Aí sim a dívida fica paga. E aí também vou me aposentar."

so. É uma coisa sadia, e ser comparado ao Kroos é motivo de muito orgulho. É um dos melhores volantes do mundo, pô."

O casamento entre Pituca e Santos ocorreu pela primeira vez em 2017 e foi retomado em 2024. Mas bem antes disso, em 2011, quando estava no Brasilis, recebeu do ex-zagueiro Oscar, então gestor do clube de Águas de Lindoia, a notícia de que o Peixe havia se interessado por ele. Surpreendeu ao dizer que dispensaria a oportunidade para trabalhar e ajudar os pais. A união, porém, era inevitável.

"Pretendo parar com uns 35 ou 36 anos. E espero que seja no Santos, mas quero ainda estar em alto nível. Ainda quero ver a minha filha crescer depois disso, levá-la na escola e ir para a minha chácara. Não quero ser técnico, não quero mexer com futebol. Isso é uma coisa que sei que não vou fazer", afirma.

Bem antes disso, há um objetivo claro: recolocar o Santos na elite. "Conseguimos nos classificar no Paulista com quatro rodadas de antecedência, mas o objetivo maior ainda é a Série B, colocar o Santos no lugar de onde não deveria ter saído, essa é a nossa meta diária e sabemos o quanto o caminho será difícil, porque são sete equipes de São Paulo."

Pituca espera cumprir o que projetou, mas sabe que já devolveu ao machucado torcedor do Santos sua marca registrada: o sorriso. Como bom santista, ele só quer agora desfrutar após tempos recentes de dor. ■

ESPECIAL

WELCOME TO BRASI

Por: Guilherme Azevedo e Leandro Miranda
Design: LE Ratto

Valencia, Arias, De La Cruz, Garro e Payet: algumas das atrações vindas de fora

LERÓN

A PRESENÇA DE MAIS DE UMA CENTENA DE ESTRANGEIROS NA SÉRIE A E A HEGEMONIA DOS CLUBES DO PAÍS NA LIBERTADORES CONFIRMAM A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL. SALÁRIOS ALTOS SEDUZEM OS GRINGOS E MANTÊM ÍDOLOS AQUI POR MAIS TEMPO. SERÁ QUE JÁ ESTAMOS MAIS DISTANTES DOS VIZINHOS SUL-AMERICANOS DO QUE DA ELITE EUROPEIA?

ESPECIAL

O Campeonato Brasileiro está previsto para começar dia 13 de abril e deve, mais uma vez, ter um número recorde de jogadores estrangeiros em campo. Em 2023, os 20 clubes da Série A contaram com 126 "gringos" em seus elencos, 23 a mais do que os 103 da edição anterior. O último Brasileirão, aliás, teve como principal destaque o uruguaio Luis Suárez, que foi o maestro soberano da surpreendente campanha do Grêmio, vice-campeão, com apenas dois pontos atrás do Palmeiras.

Agora, sem Luisito (que se juntou ao amigo Lionel Messi no Inter Miami), os olhares se dividem entre velhos conhecidos, como o argentino Germán Cano e o colombiano Jhon Arias, heróis do título da Libertadores do Fluminense; o francês Dimitri Payet, que parece ter recuperado, no Vasco, a boa forma já exibida na Premier League; o xerife paraguaio Gustavo Gómez, multicampeão pelo Verdão; e o também argentino Jonathan Calleri, comandante do ataque do São Paulo; e novas estrelas, em especial o meia Nicolás de la Cruz, também uruguaio, que trocou o River Plate pelo Flamengo por mais de 75 milhões de reais, na mais badalada transação até agora.

Vale lembrar que o esporte chegou ao nosso país pelas mãos de Charles Miller, paulistano filho de escocês que trouxe bolas, chuteiras e um livro de regras no distante 1894. Muitos clubes foram fundados por forasteiros e já tivemos muitos ídolos gringos para quem torcer. Nos anos 1970, os uruguaios Pedro Rocha, Darío Pereyra e Pablo Forlán brilharam pelo São Paulo, enquanto o chi-

CHEGA MAIS

EM UMA DÉCADA, O NÚMERO DE ESTRANGEIROS NA SÉRIE A MAIS QUE DOBROU

Estrangeiros por ano

O uruguaio Forlán era estrela do Inter em 2013

O argentino Calleri chegou ao São Paulo em 2016

O japonês Honda passou pelo Botafogo em 2020

O argelino Slimani jogou pelo Coritiba em 2023

*PLACAR NÃO LEVA EM CONTA ATLETAS NASCIDOS NO BRASIL QUE DEFENDEM OUTRAS SELEÇÕES, COMO DIEGO COSTA

LUCAS UEBEL / GRÊMIO

Suárez, cercado pelo paraguaio Gómez, do Palmeiras: uruguaio fez história em uma temporada no Grêmio

O ATHLETICO--PR É O CLUBE COM MAIS ESTRANGEIROS NO ELENCO:

10

NO TOTAL

leno Elias Figueroa fazia a alegria da torcida do Inter. Na década seguinte, o argentino Doval e o paraguaio Romerito encantaram o Maracanã jogando por Flamengo e Fluminense.

O que se viu em seguida foi uma explosão de brasileiros indo para o exterior, o que abriu espaço para a chegada de mais vizinhos – sim, até o início dos anos 2000 praticamente só sul-americanos vinham para cá. Pouco antes da Copa de 1994, disputada nos Estados Unidos, PLACAR publicou uma reportagem mostrando como nossos atletas de todas as idades tinham se transformado num dos maiores produtos de exportação "made in Brazil" *(você pode ler, ou reler, o texto na página 52)*. Em abril de 2014, a CBF autorizou um aumento de três para cinco no número de estrangeiros, e a decisão provocou uma nova invasão gringa, retratada em nossas páginas como "Europa das Américas".

Naquela edição do Brasileirão, tivemos 54 forasteiros em ação, e essa passou a ser a nova realidade local, com uma curva crescente de importações ano após ano (*veja o quadro na página ao lado*). Nos últimos anos, nos acostumamos a ver o venezuelano Yeferson Soteldo com a camisa do Santos — hoje o baixinho enverga a do Grêmio, onde rivaliza com os colorados Valencia, do Equador e Alario, da Argentina —, o uruguaio Giorgian de Arrascaeta encantando cruzeirenses e flamenguistas. Desde 2019, atletas de 20 países entraram em campo pela Série A, incluindo alguns europeus, africanos e asiáticos. O japonês Keisuke Honda, do Botafogo, e o argelino Islam Slimani, do Coritiba, chegaram aqui com experiência em Copas do Mundo (*conheça a história de Kazuyoshi Miura, o Kazu, primeiro asiático a jogar no Brasil,*

no quadro da página 37).

Graças à tecnologia, também é possível monitorar e acompanhar o surgimento de jovens talentos em todo o planeta. O Fluminense, por exemplo, surpreendeu ao contratar o colombiano Jan Lacumí, de 19 anos, que atuava na segunda divisão local. É uma aposta (numa escala menor) semelhante ao que os europeus fazem com os jovens brasileiros. Para ficar nos dois casos mais recentes, Vitor Roque, 18 anos (ex-Athletico-PR), já veste as cores do Barcelona, enquanto Endrick só espera atingir a maioridade para se transferir do Palmeiras para o Real Madrid.

Ou seja, seguimos sendo fornecedores de craques para os mercados europeus, mais ricos e organizados – porém, na comparação com os outros países das Américas, somos o principal polo de atração. "Com a saída cada vez mais cedo dos nossos atletas, nos voltamos para os vizinhos em busca de jogadores bons com custo bem mais baixo", explica Cristiano Dresch, presidente do Cuiabá. Thiago Freitas, COO da Roc Nation Sports no Brasil, empresa que administra as carreiras de Endrick, Vini Jr, Lucas Paquetá e Gabriel Martinelli, entre muitos outros, concorda e elenca três fatores para entender a situação atual. "A criação das SAFs trouxe novas injeções de capital para os clubes brasileiros, que passaram a contratar também técnicos estrangeiros, que têm um olhar mais abrangente. A crise econômica da Argentina atrapalha os clubes locais, que já não conseguem competir em termos de salários. E há ainda o desenvolvimento do futebol em países como Equador e Venezuela, que antes não tinham tantos jogadores de qualidade."

Em termos de recursos, os dois maiores elencos brasileiros (os de Fla-

O JUVENTUDE É O ÚNICO CLUBE DA SÉRIE A QUE NÃO TINHA NENHUM GRINGO EM FEVEREIRO

RENATO PIZZUTO / AG. PAULISTÃO

RICARDO DUARTE / INTERNACIONAL

O zagueiro equatoriano Félix Torres chegou com moral ao Corinthians; no Inter, o argentino Alario recebeu as boas-vindas do uruguaio Rochet

A BARRA SUBIU

SE EM OUTROS TEMPOS ESTRELAS INTERNACIONAIS TINHAM A "GARANTIA" DE BRILHAR FÁCIL POR AQUI, A REALIDADE HOJE É OUTRA

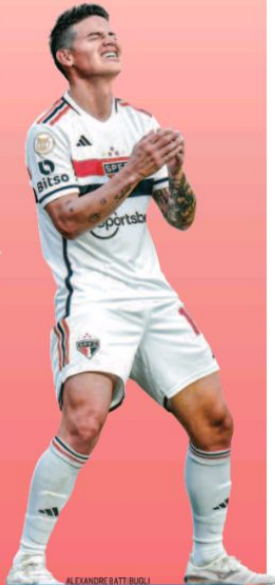
ALEXANDRE VIDAL / CRF

ARTURO VIDAL

Estrela do futebol europeu na década passada, com passagens de sucesso por Juventus, Bayern de Munique e Barcelona, o meio--campista chileno chegou ao Flamengo em 2022. Aos 35 anos, porém, a intensidade e o ritmo acelerado que marcaram sua carreira já tinham ficado no passado. O veterano não conseguiu ser titular, preterido pelo garoto da base João Gomes. Acabou indo para o Athletico-PR, mas não teve o contrato renovado e voltou ao Colo-Colo, clube que o revelou.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

MIGUEL BORJA

Depois de se destacar na campanha do título da Libertadores do Atlético Nacional em 2016, o centroavante colombiano foi comprado pelo Palmeiras por 10 milhões de dólares e chegou com festa no aeroporto. Mas nunca se tornou o homem-gol que a torcida esperava – ao contrário, irritou muitos palmeirenses com as chances que perdeu. Também teve uma passagem apagada pelo Grêmio e só recuperou a boa fase em seu atual clube, o River Plate, da Argentina.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

JAMES RODRÍGUEZ

Um dos craques da Copa do Mundo de 2014, James Rodríguez tem no currículo times como Real Madrid e Bayern de Munique, além de um pé esquerdo de raro refino técnico. Nada disso bastou, ao menos até agora, para que desse certo por aqui. Sempre atrás dos companheiros fisicamente e sofrendo para acompanhar a maratona de jogos, perdeu espaço no São Paulo até pedir para sair. Arrependeu-se e agora almeja voltar, ciente de que ter jogado em alto nível não é mais garantia de sucesso.

ESPECIAL

TOP 5: OS MAIORES GOLEADORES DO SÉCULO XXI

mengo e Palmeiras) custam 300 milhões de reais por ano. É o dobro do que River Plate e Boca Juniors gastam atualmente. Mas é um décimo do que Barcelona, Paris Saint-Germain e Manchester City gastam com seus jogadores. Sim, segundo relatório divulgado recentemente pela Uefa, esses três gigantes investem anualmente 3 bilhões de reais só com salários! Segundo o tradicional relatório "Money League", da auditora Deloitte, o Flamengo, clube cuja receita anual já ultrapassa o bilhão de reais, está prestes a entrar para o clube dos 30 mais ricos do mundo (uma lista que, hoje, é composta exclusivamente por europeus, com amplo domínio inglês).

Para seguir nas comparações, quase 70% dos inscritos para disputar a Premier League são estrangeiros (361 jogadores na atual temporada, sendo 30 brasileiros, de acordo com dados do Transfermarkt). Já a liga argentina exibe um número próximo ao nosso (128), mas com apenas um brasileiro (Lenny Lobato, do Vélez) – há poucos gringos renomados por lá, com raras exceções, como o uruguaio Cavani, em baixa no Boca. "Podemos dizer que, em termos proporcionais, a distância dos principais clubes brasileiros para os de países vizinhos é tão grande quanto a vantagem que os europeus têm em relação a nós", afirma Thiago Freitas, da Roc Nation Sports. "E isso se deve à capacidade de pagar altos salários para atletas que já não interessam à Europa." É o caso do meia Arrascaeta, que aos 29 anos está "velho" para a elite europeia e recebe cerca de 1,5 milhão de reais mensais no rubro-negro carioca.

Por mais que jornalistas e torcedores se queixem com frequência do baixo nível do futebol jogado por aqui (tendo a Liga dos Campeões como referência máxima), é fato que o nível vem subindo. A Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) apontou o Brasileirão de 2023 como o quarto campeonato nacional mais competitivo do planeta. A Série A da Itália foi a vencedora, seguida por Premier League (Inglaterra) e LaLiga (Espanha). Mesmo para quem não acredita em rankings desse tipo, a realidade é que os clubes brasileiros venceram as últimas cinco edições da Libertadores, o que mostra que estamos, sim, "sobrando" no continente.

Com o real valorizado em relação às outras moedas sul-americanas e uma busca mais ativa (e criativa) por reforços vindos de todos os cantos do mundo, o Brasileirão tende a ganhar cada vez mais sotaques. Desde o ano passado, a CBF passou a permitir até sete atletas estrangeiros por equipe a cada partida. Em um confronto contra o Red Bull Bragantino, o Inter chegou a ter nove atletas não nascidos no Brasil em campo (o volante Johnny, americano, e o atacante Wanderson, belga, são naturalizados).

Tudo somado, "sobe a barra" e, na teoria, melhora ainda mais o nível da competição. Há vários anos, jogadores brasileiros prestes a serem dispensados por seus clubes europeus voltam para casa com aquele espírito de recuperar as raízes e fazer a alegria dos torcedores de seus times de coração. Muitos se perguntam se Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, caso chegassem hoje, com quilos demais e disciplina de menos, teriam

O INTERMINÁVEL PRECURSOR

O ATACANTE JAPONÊS KAZU FOI O PRIMEIRO ASIÁTICO NO FUTEBOL BRASILEIRO, EM 1986. O MAIS INCRÍVEL É QUE ELE AINDA JOGA, AOS 57 ANOS

PIER GIAVELLI / BPA

Uma vida atrás da bola: Kazu em ação pelo Santos, em 1990, aos 23 anos, e hoje pelo Oliveirense, de Portugal, aos 57

Kazuyoshi Miura, ou simplesmente Kazu, como ficou conhecido nos gramados brasileiros, é o que se pode chamar de pioneiro. Nascido em Shizuoka, no Japão, em 1967, ele abandonou o colégio aos 15 anos e viajou com a família para o Brasil buscando um sonho que, à época, não era comum em sua terra: ser jogador de futebol. A J-League nem havia sido criada e o garoto resolveu tentar a sorte no "país do futebol". Após passagem pelo Juventus da Mooca, estreou pelo time principal do Santos em 1986, aos 19 anos.

Durante os cinco anos em que teve vínculo com o Peixe, o primeiro asiático a jogar profissionalmente por aqui foi emprestado a vários outros clubes do país, como Palmeiras, Matsubara, CRB, XV de Jaú e Coritiba. Voltou ao Santos em 1990 para encerrar sua aventura sul-americana. Ao todo, foram 35 jogos e quatro gols pelo time da Vila Belmiro.

De volta à terra do sol nascente, Kazu virou ídolo nacional e foi multicampeão pelo Verdy Kawasaki. Seguiu fazendo história ao ser o primeiro asiático a defender um clube europeu, o Genoa, da Itália, em 1994. Trinta anos depois, pode acreditar, a saga não terminou: com contrato com o Yokohama FC desde 2005, o incansável atacante ainda atua profissionalmente, aos 57 anos, emprestado para o Oliveirense, da segunda divisão de Portugal. "Não aguento mais 90 minutos, mas ainda sei fazer gols", contou, em bom português, o simpático veterano a Pier Giavelli, colaborador de PLACAR.

obtido tanto êxito. Alguns gringos não aguentaram o tranco (*veja o quadro da página 35*). O Corinthians, por exemplo, se desiludiu com o paraguaio Matías Rojas, mas agora aposta no equatoriano Félix Torres e no argentino Rodrigo Garro.

Ainda falta muito para podermos nos orgulhar, de verdade, do Campeonato Brasileiro. Falta-nos uma liga de clubes independente da CBF, mas pouco a pouco vamos caminhando. No ano passado, a Série A foi transmitida para mais de 160 países e bateu seu recorde de público – média de 26.733 torcedores por partida, superando os 22.953 de 1983. Os estrangeiros bons de bola são parte relevante desse processo. Nicolás de la Cruz, o craque uruguaio de 26 anos trazido do River, conta que tinha outras propostas, mas decidiu pelo Flamengo pelo tamanho do clube e pela perspectiva de novas conquistas com o time. Seus dois compatriotas, Arrascaeta e o lateral Guillermo Varela, também influenciaram na escolha. "Conversei com eles e fiquei totalmente convencido para tomar a decisão." ■

PREVISÕES

AGORA É PARA VALER

AOS 61 ANOS, DORIVAL JÚNIOR CHEGA AO ÁPICE DA CARREIRA, A SELEÇÃO BRASILEIRA, NUM MOMENTO NADA TRANQUILO. SUA PRIMEIRA CONVOCAÇÃO NÃO PASSOU ILESA A CONTESTAÇÕES E OS AMISTOSOS DESTE MÊS SERÃO VERDADEIRAS PEDREIRAS. MAIS BLINDADO QUE SEUS ANTECESSORES, ELE GARANTE: É, SIM, POSSÍVEL SONHAR COM O HEXA

Por: André Avelar
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

O novo chefe, na sede da CBF: primeira lista de Dorival contou com 26 convocados

era Dorival Júnior na seleção brasileira está prestes a começar, cercada de tensão e desconfiança. Seus antecessores, os interinos Ramon Menezes e Fernando Diniz, somaram três vitórias, um empate e cinco derrotas da última Copa do Mundo para cá. O cenário está longe do ideal para o time que precisa recuperar o título da Copa América e se permitir sonhar com o hexa no Mundial. A primeira competição foi perdida para a rival Argentina, em pleno Maracanã, no Rio, em 2021. A segunda é a esperança da torcida de "apenas" repetir o jejum de 24 anos sem título, vivido entre 1970 e 1994, já que a última conquista foi no longínquo 2002.

Para chegar com moral à Copa de 2026, Dorival terá desafios mais complicados que Marrocos, Senegal, Uruguai, Colômbia e Argentina, times para quem o Brasil perdeu nesses últimos nove jogos — sob o comando da dupla Ramon-Diniz, conseguimos um empate com a Venezuela e vitórias sobre Guiné, Bolívia e Peru. O calendário dos próximos meses é uma pedreira. Para começar, Inglaterra, em Wembley, Londres, no dia 23. Três dias depois, Espanha, no Santiago Bernabéu, em Madri. Em 8 de junho, os compromissos serão mais "leves", mas ainda traiçoeiros, contra México, em local a definir; e Estados Unidos, no Camping World Stadium, em Orlando, quatro dias depois. Até lá o time precisa estar pronto para a Copa América, marcada para 20 de junho a 14 de julho, também em solo norte-americano.

"Tenho consciência do histórico, da responsabilidade do momento, mas, acima de tudo, tenho a tranquilidade para encontrarmos um novo caminho. O futebol brasileiro se reinventa rapidamente, tem jogadores de altíssimo nível, com capacidade e qualidade para voltar a acreditar. Não vejo [a partida contra a Inglaterra] como o jogo da vida, ainda que seja um importantíssimo", disse Dorival em entrevista coletiva na sede da CBF logo após a primeira convocação. Vale lembrar que o Brasil foi eliminado por seleções europeias (França, Holanda, Alemanha, Bélgica e Croácia) nas últimas cinco Copas.

O técnico de 61 anos se notabilizou por apagar incêndios ao longo da carreira e, para espantar a crise nacional, optou por manter parte da base de convocações passadas, acrescentando alguns nomes de seu interesse e/ou confiança. No primeiro grupo estão Ederson, Marquinhos, Casemiro e Vini Jr., que seguem como a espinha-dorsal. No segundo, aparecem cinco caras novas: o goleiro Rafael, o zagueiro Beraldo e o volante Pablo Maia, todos colegas da época de São Paulo, mais o zagueiro Murilo e o atacante Savinho (saiba mais sobre os novatos no quadro da página 43). "Nenhuma reformulação pode ser feita de maneira radical. A mudança contínua deve ser pautada no reconhecimento ao que esses atletas vêm fazendo para merecer estar na seleção", argumentou.

DOUGLAS AEY SABER

Dorival e Neymar, em 2010: briga que causou demissão do técnico ficou no passado

E O NEYMAR?

TREINADOR ADMITE QUE AINDA CONTA COM O CRAQUE, QUE SE RECUPERA DE GRAVE LESÃO E SERÁ DESFALQUE NA COPA AMÉRICA

Gostem seus críticos ou não, Neymar segue como o principal nome da seleção brasileira. Dorival Júnior sabe disso e nem tenta esconder. Mas isso é preocupação para depois. Aos 32 anos, o camisa 10 vive mais um calvário, recuperando-se de uma cirurgia para reconstrução do ligamento cruzado anterior e do menisco – e rebatendo os *haters* que caçoam de seus quilos a mais nas redes sociais. A grave lesão no joelho esquerdo sofrida na derrota para o Uruguai, em outubro passado, o manterá fora de ação por quase um ano, frustrando os planos do Al-Hilal. A equipe saudita desembolsou 90 milhões de euros (483,5 milhões de reais no valor da época) para tirá-lo do PSG – ao todo, serão 320 milhões de euros (1,7 bilhão de reais) entre salários, luvas, patrocínios, por dois anos de contrato – e só assistiu a um gol e duas assistências do brasileiro em cinco jogos. Menos mal que a equipe de Jorge Jesus lidera com certa folga a liga local.

Só um milagre da medicina poderia levar Neymar à Copa América em junho. A previsão do médico da seleção, Rodrigo Lasmar, é que ele esteja de volta em agosto, depois de trabalhos diuturnos de fisioterapia e sessões extras na academia para fortalecimento da região operada. Dorival é cauteloso, mas faz questão de manter sua estrela motivada. "O Ney também está sendo monitorado. Podem ter certeza disso. Ele está tentando acelerar esse processo e temos que respeitar os protocolos de uma lesão bem complicada, mas sabemos de sua importância", reiterou o treinador após a convocação. Antes, em entrevista à TNT Sports, havia dito que Neymar precisaria estar "seguro, tranquilo, equilibrado e principalmente focado", para voltar a vestir a amarelinha. Os dois trabalharam juntos no início de carreira do atacante no Santos. Curiosamente, o treinador acabou demitido do Peixe por um desentendimento com o então prodígio. Eles garantem que o tema já foi resolvido há muito tempo, sem ressentimentos. A julgar pelas recentes declarações, ambos aguardam ansiosos pelo reencontro.

ACERTOS E POLÊMICAS

PLACAR COLHEU A OPINIÃO DE ESPECIALISTAS SOBRE O INÍCIO DE CICLO DE DORIVAL

Dorival fez o que todo o treinador que chega para um ciclo novo deveria fazer: mudar em peças periféricas e manter uma base. Causa um impacto ao chamar o Rafael, que está atrás de Bento e Ederson, e Pablo Maia, que também deve ser preparado para a Copa do Mundo. A volta do Paquetá é fundamental para o setor criativo e o Richarlison, mesmo com essa questão da lesão, é importante. Foi uma convocação muito inteligente.
André Hernan, Cazé TV

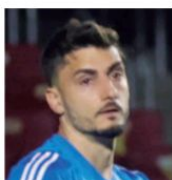
Não tem como ser unanimidade, mas, de maneira geral, gostei. Torço o nariz para apenas quatro convocados: Rafael, Casemiro, Raphinha e Richarlison. Gostei de Beraldo, Ayrton Lucas, Pablo Maia e principalmente do João Gomes, mas acho que faltaram Erick (Athletico) e Zé Raphael (Palmeiras). Minha expectativa é das melhores, pois Dorival privilegia o futebol ofensivo e sabe compactar suas equipes. Além disso, não é sacana, joga aberto com os jogadores e não privilegia fulano, sicrano ou beltrano.
Fábio Sormani, PLACAR TV

Gostei da convocação, principalmente das novidades. Acho que se iniciou um processo de mudança de verdade com Pablo Maia, Wendell, Murilo, Andreas Pereira e com o Rafael também. Mas esperava que Murillo, ex-Corinthians, e Vitor Roque também estivessem na lista. Acho que em breve Marquinhos e Casemiro também deveriam deixar a seleção. Mas, de modo geral, gostei muito.
Walter Casagrande, TV Record e UOL

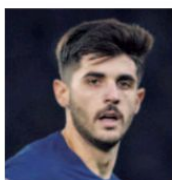
A lista é boa e coerente, abre leques interessantes, mas tem alguns nomes questionáveis, como Rafael e o Ayrton Lucas, que é bom atacando, mas frágil defensivamente. Via Carlos Augusto, Samuel Lino e Piton à frente. Senti falta de Murillo e Vitor Roque. Não levaria o Casemiro, pois o Brasil precisa olhar mais à frente. Destaco a volta do Paquetá, que era obrigatória pela temporada que faz, e o reconhecimento a quem está voando, casos de Douglas Luiz, Andreas Pereira, Savinho, Wendell.
Vitor Sergio Rodrigues, TNT Sports

Achei de razoável para boa, sem nada de extraordinário, dou nota 7. Não vejo Rafael como um goleiro de seleção. Tem muito volante para pouco meia de criação, talvez tenha faltado um Raphael Veiga ou um Alan Patrick, e também o Pedro no ataque. Mas não vejo nenhuma ausência que cause grande clamor. Não sei se dá para vencer os amistosos com tão pouco tempo de trabalho, mas espero atuações melhores do que foi com o Diniz.
Leandro Quesada, PLACAR TV e Rádio Bandeirantes

AS CARAS NOVAS

DORIVAL INICIA O TRABALHO JÁ TENTANDO IMPOR SUA MARCA. FORAM CONVOCADOS CINCO JOGADORES QUE NUNCA VESTIRAM A AMARELINHA

RAFAEL

Goleiro | São Paulo
34 anos | 1,92 m |
Canhoto

A convocação de Rafael foi facilitada por dois fatores: o ótimo trabalho desenvolvido com Dorival no São Paulo e a lesão de Alisson (Liverpool), titular nas duas últimas Copas. O já experiente goleiro começou a carreira no Cruzeiro e também passou pelo rival Atlético-MG. No Tricolor, mostrou segurança com a bola nos pés ou embaixo das traves, não foi vazado em 32 de 66 partidas disputadas e terminou como campeão da Copa do Brasil.

BERALDO

Zagueiro | PSG
20 anos | 1,86 m
Canhoto

Conhecido de Dorival ainda dos tempos de São Paulo, Beraldo foi o ponto alto da defesa que terminou com o título da Copa do Brasil. Conhecido pela habilidade digna de um meio-campista para sair jogando, transferiu-se para o PSG no início do ano e, de cara, foi campeão da Supercopa da França. O entrosamento crescente com Marquinhos, titular no clube e na seleção, pesa em favor do jogador para uma revitalização do setor defensivo.

MURILO

Zagueiro | Palmeiras
26 anos | 1,88 m
Destro

Conhecido das seleções brasileiras de base, chegou à adulta com títulos no currículo. Revelado pelas categorias de base do Cruzeiro, fez boas temporadas pela Raposa e foi vendido ao Lokomotiv Moscou. De volta ao país, mais forte e consciente taticamente, firmou-se como titular da defesa do Palmeiras, ao lado de Gustavo Gómez. No Verdão, conquistou o bi paulista e brasileiro (2022 e 2023). Venceu a concorrência do quase xará, Murillo, do Nottingham Forest.

PABLO MAIA

Volante | São Paulo
22 anos | 1,78 m
Destro

Não seria exagero dizer que Pablo Maia chega como um dos queridinhos de Dorival. Cria de Cotia, aonde chegou com 11 anos, o volante do São Paulo logo virou o dono do meio-campo da equipe campeã da Copa do Brasil 2023. A solidez defensiva, aliada ao passe preciso na saída de bola, despertou a atenção de clubes europeus. A liderança dentro de campo – não raro exerceu a função de capitão – também é um dos elementos que o aproximam do titular Casemiro.

SAVINHO

Atacante | Girona
19 anos | 1,76 m
Canhoto

O habilidoso atacante é um dos protagonistas da sensação da La Liga, o modesto Girona, que briga por vaga direta na próxima Champions. Cria do Atlético-MG, Savinho passou pelo PSV, da Holanda, antes de mostrar seu melhor futebol na Espanha. Com imensa capacidade de gerar passes para gol, é observado por gigantes do continente. Com convocações por seleções de base, chegou à equipe adulta em posição bastante concorrida.

Dorival não era o preferido da CBF para guiar o time canarinho rumo ao Mundial que será disputado nos Estados Unidos, no Canadá e no México, mas foi a solução viável diante do caos institucional em que a própria confederação se meteu. Logo após retornar à presidência, desmoralizado e sem poder se escorar no sonho de trazer o técnico italiano Carlo Ancelotti, que recém havia renovado contrato com o Real Madrid, Ednaldo Rodrigues viu em Dorival um bom escudo. Respaldado pelo bicampeonato da Copa do Brasil (2022 e 2023) com Flamengo e São Paulo, mais o título da Libertadores (2022) com o rubro-negro, e benquisto por torcida e opinião pública por sua postura serena, ele aceitou de bate-pronto o convite, uma espécie de consagração da carreira. Ficou bom para todo mundo, menos para Fernando Diniz, que esperava ser efetivado, e para o São Paulo, que ainda perdeu mais quatro profissionais de comissão técnica.

Ao anunciar sua primeira lista, o treinador pediu um voto de confiança ao torcedor e não economizou em suas ambições. "Não podemos deixar que esses resultados perdurem. Penso na Copa do Mundo daqui a dois anos e meio. Podem ter certeza de que nós teremos resultados que, de repente, possam surpreender. Acreditem, confiem no trabalho. Não tenho dúvida de que estaremos presentes numa decisão de Copa. Nosso trabalho será voltado para isso", disse.

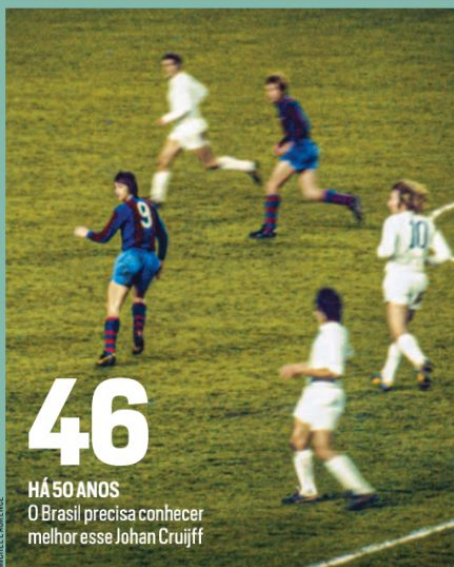
Ao contrário de Diniz, que trabalhou sem qualquer tipo de respaldo – e ainda se dividia no trabalho com o Fluminense –, Dorival está devidamente blindado na CBF após as contratações do coordenador técnico Juan, ex-zagueiro que disputou as Copas de 2006 e 2010, e especialmente do coordenador executivo, Rodrigo Caetano. O ex-dirigente do Atlético-MG pediu a palavra para responder às questões mais espinhosas na coletiva e prometeu organizar a bagunça na entidade. Ainda assim, a única certeza no momento é que Dorival não terá vida fácil. ■

Seu leão pode colorir a vida de muitas crianças
Doe seu Imposto de Renda para o Hospital Pequeno Príncipe
No Brasil, apenas 2,86% do potencial de doação de IR da população foi destinado para instituições filantrópicas. Isso representa mais de R$ 9 bilhões que poderiam impactar o cenário da saúde no país.
E você, ao destinar seu Imposto de Renda para os projetos do maior hospital pediátrico do Brasil, pode contribuir para mudar essa realidade, de forma fácil e sem custos. Ajude a transformar a vida de milhares de crianças e adolescentes.
Acesse doepequenoprincipe.org.br e veja como doar.
Contamos com você!
(41) 2108-3886
(41) 99962-4461
doepequenoprincipe.org.br
100 anos
HOSPITAL pequeno PRÍNCIPE

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

NOS 54 ANOS DE PLACAR, UMA SELEÇÃO DE REPORTAGENS PARA CELEBRAR GRANDES MOMENTOS DESSAS MAIS DE CINCO DÉCADAS DE BOM JORNALISMO ESPORTIVO

MICHEL LAURENCE

46

HÁ 50 ANOS
O Brasil precisa conhecer melhor esse Johan Cruijff

NELSON COELHO

52

HÁ 30 ANOS
Nossos jogadores estão nos quatro cantos do mundo

50

HÁ 40 ANOS
O Inter se inspira no Corinthians e quer democracia

LEMYR MARTINS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

56

HÁ 20 ANOS
Os bastidores dos programas de futebol na TV

MONTAGEM MARCELO CALENDA SOBRE FOTOS GETTY

60

HÁ 10 ANOS
Quem vai ser o craque da Copa do Mundo de 2014?

EDIÇÃO 207
8/3/1974

Cruijff, o 9 do Barcelona: nosso repórter estava na Espanha para saber mais sobre o craque que encantaria o mundo

O HOLANDÊS MÁGICO

A TRÊS MESES DA COPA DE 1974, PLACAR ACOMPANHOU UMA EXIBIÇÃO DE GALA DE UM TAL JOHAN CRUIJFF – VESTINDO A CAMISA 9 DO BARCELONA, LIDEROU UMA GOLEADA POR 5 A 0 SOBRE O REAL MADRID EM PLENO SANTIAGO BERNABÉU

Há 50 anos, PLACAR celebrava seu quarto aniversário, já na condição de maior e melhor revista de futebol do Brasil. Faltavam três meses para o início da Copa do Mundo (a ser disputada na então Alemanha Ocidental) quando o jornalista Michel Laurence recebeu a incumbência de viajar à Europa para preparar reportagens sobre o torneio. Na edição 207, de 8 de março de 1974, ele acompanhou uma exibição de gala de Johan Cruijff (a revista destacava que "lê-se cróif" e só mais tarde a imprensa brasileira adaptaria a grafia do nome para Cruyff). Vestindo a camisa 9 do Barcelona, ele comandou um massacre: em pleno Santiago Bernabéu, 5 a 0 sobre o Real Madrid.

Prestes a completar 27 anos, o holandês era uma estrela de primeira grandeza: Bola de Ouro do jornal *France Football* como melhor jogador europeu de 1971, tinha sido tricampeão da Copa dos Clubes Campeões da Europa (1971-72-73) pelo Ajax, de Amsterdã, e campeão mundial interclubes em 1972 ao derrotar o Independiente, da Argentina – além de seis vezes campeão da Copa da Holanda e outras seis do campeonato nacional de seu país. Nascido em 25 de abril de 1947, Cruyff atuou pelo Barcelona de 1973 a 1978 e se tornou um dos maiores ídolos do clube catalão (há uma estátua dele em frente ao Camp Nou). Em 1974, ele se mantinha no auge da forma e comandaria o chamado Carrossel Holandês nos gramados alemães.

Ainda assim, numa época em que não havia transmissões televisivas de torneios de outros países, quase ninguém conhecia a real capacidade de Cruijff de liderar seus times e impor-se sobre os adversários. Assim, os dois parágrafos finais da reportagem se mostram (ao serem revisitados hoje) tristemente premonitórios. Nosso repórter conta que Zagallo, então técnico da seleção canarinho, tinha sido convidado a ver justamente esse clássico entre Real e Barça, mas acabou não indo a Madri. "É pena que o Brasil ainda não tenha uma ideia perfeita de quem é esse Johan Cruijff", escreveu Laurence. Três meses depois, assim como havia feito contra o time merengue, o craque holandês arrasou o Brasil pela segunda fase da Copa.

O texto também destacava a obsessão do meia-atacante com dinheiro – ele que foi, de fato, um dos primeiros multimilionários do mundo da bola. Depois de encantar o planeta com o Barcelona, Cruijff transferiu-se para os Estados Unidos. Em 1981, voltou ao Ajax e, dois anos mais tarde, fez sua temporada de despedida pelo Feyenoord, de Roterdã. Logo tornou-se treinador e, entre 1988 e 1996, voltou a revolucionar o esporte comandando o mesmo Barça que o havia consagrado. Morreu aos 68 anos, em 24 de março de 2016, e até hoje é saudado como um dos maiores de todos os tempos.

Texto e fotos por:
Michel Laurence, de Madri

Saído de uma das ruelas mais sujas de Amsterdã, o garoto Johan Cruijff desde cedo aprendeu que o melhor caminho para seguir encontrava-se exatamente do outro lado da rua onde morava: o estádio do Ajax.

Aos 4 anos já frequentava o estádio e ficava conhecido dos maiores jogadores da época. Ficava conhecido limpando suas chuteiras e enchendo as bolas. Em troca, ele e o irmão Henry ganhavam algumas gorjetas.

– Foi aí, exatamente nessa época em que não passava de um menino, que meti na cabeça a ideia fixa de que deveria ser um jogador de futebol.

E foi o melhor que fez, porque o garoto Johan não queria nada com os estudos e, além do mais, seu pai, um modesto vendedor de verduras, não tinha maiores condições para mandá-lo à escola. Assim, além de ajudar o pai, os dois irmãos passavam o dia todo jogando bola no meio da rua com a garotada do bairro – na boa vida de qualquer criança.

Muito amigo do roupeiro do Ajax, a quem chamava de tio Hank, aos poucos Johan Cruijff e o irmão foram se tornando figuras populares no clube – e os jogadores sempre lhes deixavam uma bola no campo, para que se exercitassem.

Do menino daquela época ao Cruijff de hoje muita coisa mudou. Com 10 anos – idade mínima exigida pela Ajax para se fazer um teste –, Johan se apresentou e pediu para ser testado. Já famoso entre os colegas, foi aceito de imediato e ficou.

– Tive sorte porque na época existia no clube um técnico que gostava de conhecer os meninos que iam sendo formados. Esse técnico era o Buckingham, que me ajudou muito e me aperfeiçoou na condição física.

Talvez devido à sua infância de menino pobre, ele era pouco desenvolvido fisicamente – como, aliás, é até hoje. Pequeno, magro, engana os adversários, porque apesar disso possui agora uma condição física invejável.

Sua figura dentro de campo é exatamente a de um europeu: calções muito altos na cintura, meias à altura dos joelhos, camisa bem para dentro do calção. Uma figura que os brasileiros talvez considerassem ridícula, mas que os próprios brasileiros não deixariam de admirar, tal sua imponência.

Hoje, na Espanha, fala-se muito do que Cruijff faz, de seu dinheiro (que gosta de mandar para os bancos da Suíça, onde as contas têm apenas um

número e não se conhece o montante dos depósitos), de sua maneira de ser, de procurar sempre se portar como um ídolo, de nunca procurar ferir ninguém. E isso é verdade, tanto que depois do jogo contra o Real Madrid ele declarou aos jornalistas que o entrevistavam:

– Foi como um sonho vencer no Santiago Bernabéu. Apesar disso, considero o resultado anormal; não o nosso time marcar cinco gols, mas o Real Madrid levar os cinco.

Tudo começou a mudar na vida desse holandês quando, com apenas 21 anos, resolveu se casar com a ex-modelo Danny Coster. Com isso, o pai de sua mulher, Cor Coster, passou a influir diretamente na sua vida, transformando-o de simples ídolo da torcida do Ajax na mais popular figura do futebol europeu.

E foi justamente através de Cor Coster que Johan Cruijff começou a desejar trocar o Ajax pelas pesetas do Barcelona. Provavelmente instruído, ele começou a passar suas férias anuais nas praias de Barcelona e aos poucos o clube espanhol entendeu o que queria, iniciando entendimentos com o Ajax – que só não foram concluídos mais cedo porque as portas do futebol espanhol continuavam fechadas aos estrangeiros.

Mesmo sabendo que não poderia contratá-lo tão cedo, mas sentindo o seu fraco por dinheiro, o Barcelona colocou 1 milhão de dólares num banco à sua disposição, os quais embolsaria tão logo se transferisse.

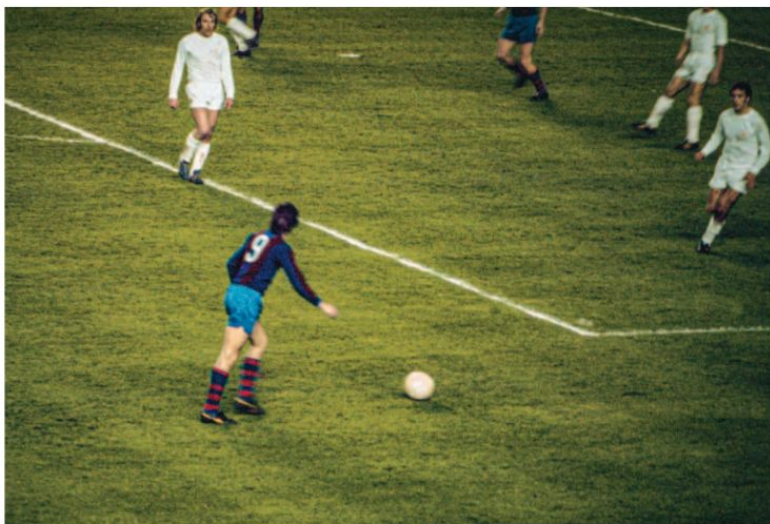
Cruijff não conseguia nem mesmo dormir. E a partir daí começou a novela para se ver livre do Ajax.

– Levo o assunto aos tribunais se não me deixarem sair.

Talvez não tenha sido muito cortês a atitude que tomou, mas é compreensível a um homem que saiu do nada e, afinal de contas, é um profissional. Assim, depois de muita luta e espera pela abertura do mercado espanhol, o Barcelona o contratou pela quantia recorde de 1.088.050 dólares (cerca de Cr$ 6.528.300,00).

– A verdade é que não tinha mais o que fazer no Ajax. As pessoas começavam a se cansar de mim, e eu delas. Fui considerado o melhor jogador da Europa em 1971. Fui artilheiro, campeão não sei quantas vezes, tricampeão europeu. Sinceramente, precisava mudar.

À primeira vista, mais de 6 milhões de cruzeiros pelo passe de um jogador pode parecer um absurdo, mas quem vem acompanhando o que tem acontecido desde a chegada de Cruijff à Espanha sabe que nunca tanto dinheiro foi tão bem empregado. Na sua estreia, já foram arrecadados cerca de 300.000 dólares (uma entrada de primeira nos estádios espanhóis custa 11 dólares – cerca de 70 cruzeiros).

No plano técnico também ficou provado que os dirigentes do Barcelona tinham razão, porque depois que Cruijff estreou o time saiu de uma péssima posição, abaixo do décimo lugar, para a liderança isolada e disparada. O holandês, depois do jogo contra o Real, aparecia como um dos principais artilheiros do campeonato, com 13 gols. Antes de ele começar a jogar, o Barcelona perdeu para o Celta por 2 a 1,

O comandante da virada: depois de sua chegada, o Barça saiu da parte de baixo da tabela para a liderança isolada e disparada do Campeonato Espanhol de 1974

Cercado por jogadores do Real: exibição de gala do jogador que custou 1 milhão de dólares

Elche por 1 a 0, Real Sociedad por 2 a 1 e empatou em seu campo com o Real Madrid por 0 a 0. Depois que estreou, o Barcelona não soube mais o que é perder, e com a goleada sobre o Real por 5 a 0 completou 18 jogos invictos, com vitórias sobre o Celta por 5 a 2, Elche por 2 a 0, Granada por 4 a 0, Málaga por 4 a 0, Gijón por 5 a 1 e Real por 5 a 0.

Embora seja um fascinado por dinheiro, Johan Cruijff nunca deixa de citar que três técnicos influíram muito em sua carreira: Buckingham (que já dirigiu o Barcelona), Michels (que é seu atual técnico no Barcelona) e Kovacs (ex-técnico do Ajax e hoje dirigindo a seleção francesa). Mas nem por isso deixa de salientar alguns pontos que colocam as coisas em seus devidos lugares:

– Por exemplo: o Kovacs foi bom para o Ajax, porque é um técnico muito duro. Aprendemos com ele e ele aprendeu conosco. Depois que foi embora, demonstramos que podíamos continuar jogando muito bem sem ele.

> **“Existem três jogadores que eu realmente admiro: Pelé, Beckenbauer e George Best, porque eles dominam os clubes onde jogam e orientam seus companheiros.”**

Quando fala do Ajax e do Barcelona, o faz nos seguintes termos:

– O primeiro é um grande time e o segundo, um grande clube.

É bem verdade que esse holandês que gosta de Frank Sinatra e passeia pelas ruas da Catalunha num Citroën-Maserati custa caro ao Barcelona – cerca de 1 milhão de dólares por ano –, mas é certo também que enche os estádios e que foi ele quem colocou o clube em condições de levantar o título do Campeonato Espanhol depois de 13 anos.

Todos os jornais ressaltam seus feitos –até mesmo os de Madri, depois da derrota clamorosa sofrida pelo Real. Todos depositam nesse holandês de muita personalidade todo o futuro do futebol espanhol, violentamente abalado com a derrota da seleção para a Iugoslávia. Até mesmo defeitos que em outros jogadores são apontados como muito sérios em Johan Cruijff são perdoados – e incrivelmente salientados como se fossem as melhores qualidade.

– Fumo e bebo. Bebo às vezes um gim tônica ou um uísque antes dos jogos, porque isso me faz ficar mais à vontade. Assim, não sinto tanto os efeitos da tensão. Até agora, isso não me fez mal algum, mas, a partir do momento em que sentir que está influindo em meu rendimento, sei que posso parar imediatamente.

Foi muito o caminho andado por esse menino pobre das ruas de Amsterdã. Sua riqueza hoje em dia não pode ser calculada e ele muito menos a divulga. Mas para os torcedores nada disso conta – conta apenas que o retrato de Cruijff está em todas as flâmulas, bonés e bandeiras que se vendem do Barcelona; conta que ele entra em campo e realmente desequilibra uma partida; conta também que ele como ninguém dirige a sua equipe dentro do campo.

– Existem três jogadores que realmente admiro: Pelé, Beckenbauer e George Best. Isso porque eles dominam os clubes onde jogam, têm personalidade e orientam seus companheiros.

Em sua lista faltou, pelo menos, um nome: o dele mesmo. Cruijff orienta todo o time do Barcelona e todos os jogadores o obedecem, reconhecendo que ele realmente sabe o que está pedindo.

Certo estava o técnico iugoslavo Milan Milanic quando, em Frankfurt, insistiu com Zagalo para que o acompanhasse até Madri para ver “esse fabuloso jogador”. E, depois da goleada por 5 a 0, que colocou o Barcelona sete pontos na frente do segundo colocado, é de se lamentar que Zagalo não o tenha visto.

É pena que o Brasil ainda não tenha uma ideia perfeita de quem é esse Johan Cruijff. ■

NA ONDA DA ABERTURA

Inspirado pela experiência da Democracia Corintiana, num momento em que o Brasil todo voltava a respirar os ares da liberdade, o Inter estimulava seus jogadores a promover o diálogo para discutir seus problemas sem medo

EDIÇÃO 720
9/3/1984

No início de 1984, o Brasil começava a sentir, após 20 anos de ditadura, os ventos da liberdade. O regime militar só terminaria, de fato, em 15 de março do ano seguinte, com a posse de José Sarney como presidente, mas a onda da abertura era visível em inúmeras áreas: nas artes e na música, nas universidades e também no futebol. A experiência mais famosa é a da chamada Democracia Corintiana, que (segundo relatou PLACAR há 40 anos) inspirou um trabalho semelhante no Internacional, de Porto Alegre, como se lê na reportagem a seguir.

SERGIO BEREZOVSKI

Os jovens colorados diante de Zenon: a feliz experiência do Corinthians como fonte para outros clubes em todo o país

Por: **Nilson de Souza**

Indicado de surpresa pelo técnico Dino Sani para fazer uma preleção aos companheiros do Inter, o lateral-direito Alves, um mineiro de 27 anos, achou a experiência fascinante. E acabou tornando público um movimento de abertura existente no clube, logo batizado de democracia colorada pela imprensa gaúcha e apelidado de democrasani pelos gozadores e incrédulos.

Mas, na verdade, um mergulho mais profundo no pensamento do grupo comprova que o incipiente processo insinuado pela participação de Alves numa preleção pode ser classificado como uma democracia relativa, de encaminhamento lento, gradual e restrito, mas suficientemente forte para levar um time que já não tem o poderio do passado a uma tranquila classificação em seu grupo na primeira fase da Copa Brasil.

"Aqui não há craques, nem estrelas", diz o ponta Sílvio. "Mas há muita solidariedade." E talvez esteja aí a razão pela qual o movimento brotou, no ano passado, quando alguns jogadores, liderados pelo capitão Mauro Galvão, 22 anos, craque incontestável apesar da generalização de Sílvio, fez uma reivindicação inédita na história de 75 anos do Inter: exigiu da direção a reintegração ao elenco do uruguaio Rubén Paz, cujo passe havia sido posto à venda por problemas salariais. Galvão lembra o episódio: "Fomos a todos os diretores e mostramos que o Rubén era muito importante para o grupo. Nossas ideias foram aceitas".

O processo evoluiu durante uma excursão aos Estados Unidos, em 1983: os jogadores passaram a se reunir com Dino Sani para discutir o esquema de jogo. "Mas a escolha dos jogadores sempre foi dele, nós apenas damos sugestões", ressalva Galvão.

O capitão colorado acredita que se esteja vivendo no clube uma certa democracia encaminhada, ainda distante da que se pratica no Corinthians, que de certa forma inspirou a experiência do Beira-Rio. "O diálogo aberto com o técnico e com a direção é só o começo", analisa. "Queremos ir mais longe, talvez até abolir a concentração no futuro. Somos um grupo maduro, com jovens de boa cabeça e gente muito vivida."

O mais vivido deles é Mário Sérgio, 33 anos, com passagens brilhantes e polêmicas por nada menos que nove clubes (Flamengo, Vitória, Fluminense, Botafogo, Rosario Central, da Argentina, Inter, São Paulo, Ponte Preta e Grêmio, voltando agora ao colorado). Ele gosta de falar em democracia: "Com toda a minha idade, afinal, nunca votei para presidente.

O técnico Dino Sani (de boné) com o grupo do Inter no Beira-Rio: negociação para reintegrar o uruguaio Rubén Paz

LEMYR MARTINS

Quero eleições diretas e democracia plena. Mas não é isso que vejo, ainda, no Inter. Há apenas um bom ambiente, com participação de todos, mas estamos longe da Democracia Corintiana. Além do que, o Corinthians tem o Sócrates, que, com aquela cabeça privilegiada, transforma tudo em coisas positivas".

Mauro Pastor concorda e cita seus motivos: "Aqui no Sul, a imprensa e o público ainda não aceitam a democracia num clube de futebol. Muita gente só fala, mas acaba não fazendo".

E é justamente esse temor que o técnico Dino Sani, 51 anos, 25 títulos conquistados em 15 anos como treinador, usa como argumento para não ampliar, por enquanto, a abertura colorada: "Concentração, por exemplo, só pode ser abolida quando mudar a mentalidade do futebol. Quando joguei no Milan, da Itália, era a coisa mais natural que a gente não se concentrasse. Aqui, as coisas são outras". Para ele, o que acontece no Internacional é o resultado do amadurecimento de um trabalho que ele vem aperfeiçoando, a partir de sua experiência: "Aqui nada é proibido, mas temos disciplina, cumprimos horários e tarefas. Eu faço os jogadores participarem das palestras para dividir a responsabilidade".

Mas democracia, mesmo que relativa, significa também a liberdade para discordar. O jovem Dunga, astro da seleção pré-olímpica, tem certeza disso, pois "se o técnico aceitar a opinião de um jogador, sem ouvir os outros, já não seria uma prática democrática".

O presidente Roberto Borba, um empresário de 49 anos filiado ao PDS, tem colaborado com o embrião da democracia colorada, principalmente renovando o comportamento tradicional entre os dirigentes gaúchos. Ele chegou a convidar o presidente do Grêmio, o grande rival, para a solenidade de sua posse no Inter, já fez visitas de cortesia ao Estádio Olímpico e afirma respeitar muito a democracia: "Só não aceito que os jogadores façam manifestações políticas, pois temos que respeitar inclusive as divergências de opinião entre os próprios torcedores".

Há resistências, claro. O centroavante Mílton Cruz, por exemplo, não concorda com a ideia: "A democracia corintiana é furada, cada um faz o que quer. Aqui não tem nada disso, não".

E é assim que o Inter vai levando seu projeto de abertura. A mesma camisa colorada abriga o liberalismo de Mário Sérgio, o equilíbrio de Mauro Galvão e a oposição de Mílton Cruz. Democraticamente. ■

NELSON COELHO

Romário na Espanha: três décadas atrás, os jogadores brasileiros começavam a se destacar no exterior

O MUNDO AOS NOSSOS PÉS

Com a proximidade da Copa de 1994, PLACAR dedicou uma edição inteira a contar histórias de jogadores que, nascidos aqui, atuavam em todo o planeta. Nas últimas três décadas, o boleiro "made in Brazil" segue sendo um de nossos principais produtos de exportação

"É inegável que os jogadores de futebol são um dos raros produtos brasileiros capazes de concorrer com similares originários dos países do Primeiro Mundo." Começava assim a Carta ao Leitor da PLACAR de março de 1994, uma revista inteira dedicada a mostrar como era a vida de nossos craques (alguns nem tanto) espalhados pelo planeta bola. "Eles são centenas espalhados pelo mundo – da Ásia à península Arábica, da Europa à América do Norte. Enfrentam com a cara e a coragem tanto o rigoroso inverno da Finlândia, no norte europeu, como as temperaturas infernais de Omã, escrevendo histórias de sucesso em países tão díspares como Grécia e Japão."

Ao longo das 68 páginas, perfis de jogadores consagrados, que se preparavam para a Copa do Mundo que seria disputada naquele ano nos Estados Unidos (como Romário, Bebeto, Mauro Silva, Raí, Dunga e Taffarel), se mesclavam aos de pioneiros como Zico, que ainda encantava os torcedores japoneses, aos 41 anos, e (principalmente) de jovens pouco conhecidos, que brigavam por um lugar ao sol. A reportagem a seguir é a que abre a edição especial, falando de alguns casos curiosos de boleiros "made in Brazil" que, já naquela época, defendiam o verde e o amarelo nos gramados mundo afora. Ela destaca como muitos anônimos se esforçavam para "abrir novos mercados" para o futebol.

Hoje, continuamos sendo um dos principais celeiros de atletas. Com a diferença de que os principais candidatos a craques desfilam suas habilidades por cada vez menos tempo em solo nacional – vide o caso de Endrick, vendido para o Real Madrid dois anos antes de completar 18 anos, quando enfim poderá se apresentar ao gigante espanhol. Além disso, 30 anos depois, sofremos para fazer com que nossas estrelas (cada vez mais acostumadas aos hábitos, táticas e maneirismos de outros países) consigam mostrar a velha magia do Brasil quando estão a serviço da seleção canarinho. Naquele distante 1994, ninguém na redação de PLACAR sabia, nossa legião estrangeira voltaria de Los Angeles com a Copa do Mundo na bagagem.

Eles estão em toda parte. Seja em países onde o futebol é quase religião, como Itália, Espanha e Portugal, ou em lugares onde fica até difícil imaginar alguém correndo atrás de bola, tipo Finlândia, Malta ou Cingapura. Em busca de dólares e fama, craques ou pernas de pau, os jogadores "made in Brazil" espalham-se pelo planeta. Só no ano passado, 352 arrumaram as malas e foram tentar a sorte no exterior (veja o mapa).

Os mais famosos, como Romário, Jorginho, Bebeto e companhia, brilham no Primeiro Mundo da bola, escorados por belos contratos e muita mordomia. No rastro desses craques, jogadores anônimos atravessam fronteiras, muitas vezes em troca de alguns dólares, abrindo mercados em lugares desconhecidos na geografia do futebol mundial. E há espaço para todo tipo de jogador. Quem não chega a ser grande estrela, mas adquiriu certo brilho no Brasil, ruma para países como o Japão, México, Suíça e Bélgica. Aqueles que não têm luz alguma acabam correndo atrás da bola em países árabes ou na América Central.

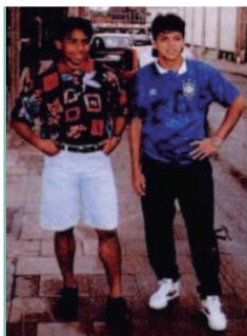
Craques ou desconhecidos, no entanto, todos têm uma coisa em comum: as dificuldades de adaptação. Para os radicados no México, por exemplo, o maior problema é a comida. "Aqui tudo leva muita pimenta", reclama Pintado, que trocou o campeoníssimo São Paulo pelo Cruz Azul, clube que não vê título há 13 anos. "Aqui até os doces são apimentados", assusta-se o volante – ele já emagreceu 3 quilos por causa da dieta *caliente*. Mas, com ou sem pimenta, Pintado continua na luta. O mesmo não se pode dizer do ex-palmeirense Careca Bianchesi e do ex-vascaíno Geovani. O primeiro vai mal no Monterrey e o segundo andou pelo banco do Universidad Nuevo León. Se os três gozavam de bom conceito no Brasil, o meia Antônio Carlos (ex-Fluminense e Botafogo) era um desconhecido por aqui. No entanto, com o nome de Santos, é ídolo do América há sete anos e fatura 250.000 dólares anuais. Voltar para o Brasil? "Vou é me naturalizar", adianta, prometendo seguir os passos do brasileiro Zague, pai de Zaguinho, seu companheiro de time.

O caso mexicano demonstra que categoria não é o elemento fundamental para quem planeja fazer sucesso fora do país. É preciso sangue-frio para adaptar-se ao novo tipo de vida. "Sinto saudade do churrasco e do chopinho", queixa-se o meia Bentinho, ex-Portuguesa e artilheiro do Al-Hilal no Campeonato da Arábia Saudita. Mas o que ele não consegue mesmo é acostumar-se com o que

EDIÇÃO 720
9/3/1984

Wamberto e Isaías: bons salários e um carro japonês ao assinar com time da Bélgica

O MARANHÃO É AQUI

Tudo começou com Oliveira, que trocou o Maranhão pela Bélgica, virou Oliverrá, naturalizou-se e deve disputar a Copa por seu novo país. Depois dele, os clubes belgas passaram a importar maranhenses. Só nas últimas três temporadas, nove foram contratados. "Em cinco meses já falava francês", gaba-se o meia Wamberto, que recebe 5.000 dólares mensais do Seraing, clube que deu ao meia Isaías, ex-Sampaio Corrêa, um automóvel japonês Mazda. Já o ponta Edmílson, ex-Sport Recife e Sampaio Corrêa, se espanta com os prêmios inimagináveis nos tempos de Nordeste. Em 1991, ganhou um carro BMW ao renovar contrato. No time júnior do Seraing, seu irmão, Édson, 17 anos, prepara o futuro. Um dos mais famosos brasileiros do futebol belga é o paulista André Cruz, ex-Ponte Preta e Flamengo, titular do Standard Liège. Atuando a seu lado na zaga, outro brasileiro: Dinga, desde 1989 na Bélgica. Hoje ele fala francês e embolsa 4.000 dólares mensais, fora casa e um automóvel Opel. Antes de ir para a Europa, Dinga nunca jogou como profissional.

Comemoração de gol pelo FC Jazz: imitação de um canguru, ao estilo do atacante Viola

GINGA BRASILEIRA

No dia em que passou a comemorar gols com coreografias, Viola não imaginava que faria escola na Finlândia. Mas fez. A cada rebolada do corintiano no Morumbi ou Pacaembu, Dionísio (ex-Bangu), Rodrigo, Piracaia e Luís Antônio (ex-jogadores do Bragantino) comemoravam seus gols pelo FC Jazz. Imitaram canguru, homenagearam o piloto Mika Häkkinen, ídolo da Finlândia na Fórmula 1, fingindo dirigir um carro, e "telefonaram" para o Brasil pegando emprestado o celular de um cartola. O sucesso é grande. Dionísio foi para ficar pouco tempo no Jazz, saiu-se bem e está retornando para defender o TPS, rival do ex-clube. Os brasileiros recebem, em média, 5.000 dólares mensais mais carro, combustível, alimentação, assistência médica, compras de supermercado e aulas de inglês. Fora do contrato, têm feito novas conquistas. Rodrigo namorou a miss Finlândia 1993, enquanto Piracaia ficou noivo de uma finlandesa.

ocorre durante os treinamentos. Por mais que o coletivo esteja animado, na hora de rezar os jogadores dos dois times esquecem a bola e ajoelham-se na direção de Meca. "Isso é o mais difícil. Os costumes árabes são muito diferentes", desabafa. Para suportar tantas dificuldades, só lembrando dos 13.000 dólares mensais que ganha. Os outros dois brasileiros no país – o zagueiro Edmílson e o atacante Serginho, ambos ex-América carioca – recebem 3.000 dólares mensais do Shoula. Mesmo assim, Bentinho já marcou a data para o fim de sua experiência árabe: "Em maio, eu volto".

O volante Lito, ex-Bangu, não entende por que Bentinho quer voltar para o Brasil. Lito – um dos três brasileiros que jogam em Honduras, pequeno e pobre país da América Central – recebe 3.000 dólares mensais para defender o Deportivo Vitoria. "A gente não ganharia mais do que 1.000 dólares no Brasil", compara. Tem razão. O meia Gílson de Souza (ex-Americano e Vasco), radicado no Equador desde 1990, andava entediado e por isso tentou voltar no ano passado. Acostumado a embolsar 10.000 dólares mensais nos times de Guayaquil e Quito, assustou-se quando o Botafogo lhe ofereceu míseros 600 dólares de salários. "Com o que ganhei aqui comprei carro, uma casa e um apartamento no Rio", contabiliza. Além dos salários mais altos, outra vantagem que os brasileiros têm no exterior é a ausência de inflação. "Como os preços aqui são mais baixos do que no Brasil, a gente economiza bastante", diz o volante Lito, que só tem uma queixa séria de Honduras. "O clima é quentíssimo", garante.

O zagueiro Gérson (ex-Duque de Caxias, da Segundona carioca) acha graça de Lito queixar-se do calor hondurenho. Jogando desde o final do ano passado no Al-Ahli Club, de Omã, na península Arábica, o becão enfrenta temperaturas de 40 graus. No inverno. "No verão, chega aos 50", assusta-se. "E, para piorar, a gente joga às 3 e meia da tarde", lamenta o artilheiro Santos (ex-Avaí-SC), o outro jogador brasileiro em Omã. Barreira da língua? Gérson vem ten-

Bebeto no porto de La Coruña: uma das estrelas "made in Brazil"

NELSON COELHO

MANUAL PARA NÃO FALHAR LÁ FORA

NÃO PENSAR NO BRASIL

NÃO COMPARAR OS ESTILOS DE VIDA BRASILEIRO E ESTRANGEIRO

NÃO RECLAMAR DA DIFERENÇA NO ESTILO DE JOGO E TRATAR DE SE ADAPTAR

NÃO ASSINAR CONTRATO ANTES DE SE INFORMAR SOBRE OS SALÁRIOS DO TIME

NÃO PENSAR EM VOLTAR ANTES DE DAR TEMPO PARA ADAPTAÇÃO

O CAMPEÃO EM SOBREVIVÊNCIA

Tita jogou no Flamengo, depois pelo Vasco da Gama. Ousou defender Inter e Grêmio, ignorando rivalidades e se adaptando facilmente a ambientes distintos. No exterior, a mesma coisa. Abriu o mercado alemão para os brasileiros, passou pelo milionário futebol italiano e hoje é ídolo dos mexicanos. Idioma, clima, alimentação, nenhum desses obstáculos o intimida. "Para jogar aqui fora, é preciso esquecer o Brasil", ensina o camisa 10 do León, que passou por Bayer Leverkusen e Pescara. "É preciso atenção na hora de assinar contratos. Na Alemanha, após um ano, descobri que um júnior recém-promovido para os profissionais ganhava 8.000 dólares, como eu. Reclamei e saí", conta Tita. Depois de uma temporada na Itália, voltou ao Vasco. Bom negociador, cavou sua vaga na seleção de Sebastião Lazaroni que foi à Copa de 1990. Fiel ao amigo, em 1993 colocou o treinador no León. Só não foi capaz de mantê-lo por muito tempo. Há dois meses, os mexicanos demitiram Lazaroni. Mas Tita, que fala português, italiano, espanhol e tem boas noções de alemão e inglês, continua com prestígio no México. "Posso até encerrar a carreira aqui", admite.

OPÇÃO PELA SEGURANÇA

Ídolo no Internacional e no Botafogo e titular da seleção na Copa de 1990. Com um currículo desses, Mauro Galvão poderia estar brigando por uma das vagas na zaga brasileira para o Mundial deste ano. Mas, ao optar por um exílio no futebol suíço, em 1990, o zagueiro deixou para trás quase todas as chances de jogar outra Copa. A certeza de um futuro seguro o mantém na Suíça, onde um jogador do seu nível ganha cerca de 300.000 dólares anuais. "Não troco o certo pelo duvidoso", diz, sobre uma volta imediata ao Brasil. Outro que seguiu o caminho da tranquilidade foi o meia Adriano. Destaque no Guarani e na seleção tricampeã mundial de juniores, ele poderia sonhar com uma vaga no time de Parreira. No entanto, também optou pelo exílio suíço. "Me adaptei tão bem que perdi 4 quilos", festeja o jogador, que vivia brigando com a balança, eufórico com seus 68 quilos. Acostumado ao rigoroso inverno gaúcho, Assis, que trocou o Grêmio pelo Sion, enfrenta o frio sem problemas. "Mas a cidade não tem muitas opções de lazer", lamenta. A falta de diversão ele compensa indo ao exterior. A Itália fica a duas horas de viagem e a França, a apenas uma.

Raí no metrô de Paris: o meia havia ido para o PSG um ano antes da Copa

NELSON COELHO

tando demoli-la. Na raça, como todo zagueiro que se preza: passa o tempo todo atracado a um dicionário. "A única maneira de aprender árabe é no peito", afirma.

Dominar o grego nunca foi a principal preocupação do atacante Marcelo, famoso por 15 minutos ao marcar, pelo São Paulo, um golaço dando chapéu no palmeirense Nenê. Contratado há quatro anos pelo Xanti, ele procurou falar primeiro a linguagem da bola. No ano passado, ganhou um carro por ter sido eleito o melhor jogador da temporada e despertou não só o interesse dos dois grandes clubes da Grécia, Olympiacos e Panathinaikos, como o dos dirigentes da federação. Eles queriam naturalizá-lo para defender a seleção grega no Mundial dos Estados Unidos. "Fiquei comovido, mas precisaria estar aqui há cinco anos", conta Marcelo, um dos três brasileiros que atuam no país. Os outros dois são o meia Da Silva, ex-Londrina, e o atacante Ivan Silva, ex-Santo André-SP, que no começo estranhou os beijos dos companheiros a cada gol que marcava. Como chega a receber 4.000 dólares de bicho por vitória, Ivan deixou de se incomodar com as beijocas dos marmanjões gregos, da mesma forma como centenas de outros brasileiros espalhados pelo mundo procuram se acostumar com a neve, o calorão, a pimenta, a barreira da língua, a hora das orações. ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

COMO CAÇAR UM CRAQUE

As armas usadas pelos produtores das mesas-redondas sobre futebol na TV para atrair os principais jogadores da rodada a participar dos debates ao vivo e, com isso, ajudar a aumentar a audiência nos domingos à noite

EDIÇÃO 1.268
MARÇO DE 2004

Por debaixo da mesa (redonda)

CONHEÇA TODAS ARTIMANHAS QUE AS TEVÊS USAM PARA CONVENCER OS CRAQUES A IREM AOS SEUS PROGRAMAS

Michele e Avallone na Rede TV!: estratégias para escolher os convidados para o domingo

Em 2004, as mesas-redondas sobre futebol na televisão tinham tanto prestígio que havia até um programa só para satirizá-las. A disputa para ter os jogadores participando dos debates era intensa, e PLACAR fez uma reportagem para desvendar os bastidores dessas produções. Numa época em que os boleiros tinham muito menos assessores e eram muito menos blindados do que são hoje, as equipes das emissoras tinham acesso até aos vestiários para convencê-los a bater papo ao vivo sobre os principais acontecimentos da rodada. Com o advento das redes sociais, os craques passaram a ter controle total sobre a "narrativa" e praticamente só divulgam o que lhes interessa. Assim, ler o texto a seguir é uma pequena viagem a um tempo que não existe mais.

Por: **Fábio Mazzitelli**
Ilustração: **Flávio Rossi**

Há quem faça de tudo para ganhar fama, aparecer na televisão e virar celebridade na vida. E há também quem ganhe a vida caçando celebridades para a telinha. No mundo cada vez mais fashion do futebol, em que jogador virou grife, não é de espantar que tal caça esteja recheada de cenas dramáticas, estratégias diabólicas e reações raivosas, como em uma novela das oito. Só que tudo isso por trás das câmeras.

As equipes de produção das mesas-redondas de domingo, que vão ao ar praticamente no mesmo horário, atropelam-se atrás dos jogadores dos principais times do Brasil. Como em uma guerra, vence quem derramar mais suor, sangue e lágrimas. Às vezes, literalmente.

Nas semifinais do Brasileirão de 2002, com o Santos arrancando para o título, a produtora Michele Chaluppe, do programa "Bola da Rede", da Rede TV!, não se segurou ao ouvir um "não" do atacante santista Alberto, herói da vitória por 3 a 0 sobre o Grêmio com dois golaços, e desabou, chorando copiosamente no vestiário da Vila Belmiro. Quem viu a cena garante que o choro de Michele foi impressionante, coisa de novela. "Foi um choro tão convulsivo que eu quase chorei junto", afirma Walmir Lopes, assessor do Santos na época. "Era, ao mesmo tempo, engraçado e constrangedor."

A produtora, que hoje também dá risada do que aconteceu, atribui o descontrole da ocasião a uma série de fatores. Um deles, a concorrência. "Na semifinal, o Alberto arrebentou com o jogo e era o cara. Ainda no campo, a Record o convidou ao vivo para ir ao programa deles e ele ficou sem jeito de dizer não. Como eu tinha feito o convite dias antes do jogo, pensei que ele entenderia o meu lado", diz, recordando a estratégia que usou para cercar o centroavante santista por todos os lados e dobrá-lo para ir ao programa. "Convenci os pais dele, que moram em Campo Grande (MS) e estavam em Santos para jantar com ele, a acompanhá-lo a São Paulo e arranjei tudo. O Alberto iria aos dois programas. Mas ele saiu do vestiário e disse que não iria a lugar nenhum e só jantaria com os pais. Aí eu sentei e chorei, chorei, chorei... No dia seguinte, recebi no meu celular um recado do Alberto dizendo que havia ficado sabendo do choro e me consolando." Mesmo após a gentileza do jogador, que em nenhum momento disse que aceitaria convite naquele dia, a raiva da produtora ainda

JOGADOR GOSTA DE "AMENDOIM JOÃOPONÊS"

O PREMIADO "ROCKGOL", DA MTV, TIRA SARRO DAS MESAS-REDONDAS TRADICIONAIS E CONSEGUE ATRAIR OS JOGADORES

Eleito o melhor programa de humor da televisão em 2003 pela Associação Paulista de Críticos de Arte, o "Rockgol", da MTV, anda fazendo sucesso também entre os boleiros. "Gostei muito de ir ao programa. A gente tem que ir na boa e entrar no clima dos caras. É só brincadeira", afirma Magrão, do Palmeiras.

Criada como uma forma de sátira aos demais programas do gênero, a produção leva à mesa um músico e um personagem do futebol por semana (aos domingos) e, apesar do conceito diferenciado, acaba sentindo os reflexos da acirrada concorrência. "Na única vez em que ficou um lugar vago na mesa foi o dia em que o Renato, do Santos, combinou de participar do nosso programa depois de ir à RedeTV!. Mas não veio", diz o produtor Maurício Terra, que agora terá um assistente para caçar os craques. "Vamos brigar feio com a concorrência para trazer os jogadores."

Apresentado por Marco Bianchi e Paulo Bonfá, o programa ironiza até os brindes que os jogadores recebem nas outras mesas-redondas. Em vez de serem presenteados com um calçado ou um aparelho de barbear, os atletas que vão ao programa comem amendoins "joãoponês". "A sátira em cima dos outros programas era um dos pontos que eu fazia questão de seguir. As pessoas do futebol costumam se levar muito a sério. Fazemos algo mais descontraído, mais divertido", afirma Bianchi.

O retorno tem sido positivo. "A aceitação foi boa. É até uma fuga dos próprios jogadores para sair da pressão de perguntas que recebem em outras mesas", diz Maurício Terra.

Bonfá (com a bola) e Bianchi: sucesso do jeitão debochado

demorou alguns dias para ir embora.

Apelar para familiares dos boleiros, como fez Michele, é só uma das muitas táticas para driblar uma resposta negativa dos jogadores, principalmente se ele for o assunto do domingo. "Eu apelo para a minha origem. Fui educado humildemente e trabalho para ajudar a minha mãe. O jogador reconhece quem precisa", diz Izildo Ramalho, 45 anos e há dez produtor do "Mesa-Redonda", da TV Gazeta, programa pioneiro em São Paulo.

Nas situações mais concorridas, geralmente é um bom trabalho de vestiário que decide o destino do craque. "Em 1994, o Edmundo e o Evair tinham se envolvido em uma confusão no Palmeiras e o Edmundo tinha desistido de ir ao programa. Quando acabou o jogo, baixou um santo em mim no vestiário. Nem lembro o que falei para o Edmundo. Só sei que consegui levá-lo ao programa e ele abriu o verbo. Vou atrás daquilo que quero e passo por cima do que estiver na frente", afirma a produtora Helô Campagnollo, do programa "Terceiro Tempo", da TV Record.

Há 14 anos caçando craques, Helô conseguiu montar uma superagenda de telefones de boleiros, assessores e empresários, pai, tia, vizinha... No desespero, vale até telefone do porteiro do prédio. "A agenda sempre está sendo renovada. É um telefone por hora. Alguns, o jogador me dá e pede para não passar para ninguém e eu não passo", diz, garantindo que um dos segredos é justamente conquistar a confiança dos jogadores. "O telefone do Felipão só eu tenho aqui na emissora e não passo para ninguém. Quando o Milton Neves me pede, pergunto o que ele quer e eu mesma ligo."

Conhecer o craque desde o início da carreira e "falar a linguagem do boleiro" são requisitos que podem ajudar no convencimento. Mas "xaveco" mesmo cada um tem o seu. "Jogador costuma desconfiar de tudo. Quando começa assim, eu falo 'para porque você não está me dando entrevista' e falo palavrão, xingo e mostro que sou assim mesmo. Até o cara confiar em mim", diz Helô.

Com a criação do "Terceiro Tempo", em 2001, os jogadores passaram a receber cachê para ir à televisão no domingo à noite. Entre as mesas-redondas produzidas em São Paulo, a da Record é a única que faz tal pagamento. As demais emissoras se responsabilizam apenas pelo transporte do convidado e, se ele for de fora do estado, arcam com hospedagem e passagens aéreas, o que também pode se tornar um problema, dependendo do grau de brilho e marra que possui o convidado.

Maior artilheiro do futebol brasileiro em atividade e o mais novo contratado do departamento de esportes da TV Bandeirantes, que tem planos para montar a sua mesa-redonda, Romário é figurinha raríssima nesses programas. "Já reservei milhares de passagens para ele", afirma a produtora Jordana Alvarez, da RedeTV!. O Baixinho era um dos convidados do programa de estreia da emissora, ao lado de Pelé. O Rei foi: Romário, não.

Um das poucas aparições do Baixinho em mesas-redondas é também um dos casos mais folclóricos. Eleito o Bola de Ouro de 2000 pela PLACAR, Ro-

mário foi convidado no ano seguinte para receber o prêmio no programa "Cartão Verde", da TV Cultura, que na época acontecia aos domingos (hoje é às quintas-feiras). O atacante concordou em participar, mas fez uma única exigência: só iria se pudesse levar mais seis amigos do Rio de Janeiro, com todas as despesas pagas.

Romário é exceção à regra, mas jogador furão geralmente vai para a geladeira. "Quando acontecia de sugerirem um furão na reunião de pauta, eu já avisava para assumir o risco em parceria", diz o produtor Mário Mendes, da TV Cultura. Na saga pelos melhores convidados, tomar um bolo pode ser algo inesquecível. "Convidei o Wiliam (ex-centroavante do Santos) alguns dias antes da rodada. No jogo, torci pelo cara e, quando ele fez três gols, virei para o apresentador do programa e disse 'tá vendo, e você não queria o cara'. Depois da partida, ele sumiu", diz Izildo Ramalho. "Fico triste quando convido um cara e ele não vai bem na partida. Não torço pelo clube e sim pelos jogadores."

No sentido contrário dos furões, existem as figurinhas carimbadas, aqueles jogadores que não se importam e até gostam de aparecer na telinha no domingo à noite. Muitos deles aproveitam a chance para, em camisetas e bonés, divulgar a logomarca do patrocinador pessoal. "O nível desses programas melhorou muito. Antes, você ia lá e quase não falava. Agora, não só fala como opina sobre outros assuntos", diz o palmeirense Magrão, que no ano passado percorreu todas as mesas-redondas da TV, algumas mais de uma vez. "Só não vou quando o convite é de última hora. Tenho mulher e filho. Vou falar o quê? 'Amor, fiz dois gols e, por isso, tenho que ir ao programa e não vou jantar contigo?'"

Em busca do prestígio da telinha, alguns jogadores chegam a pedir uma vaga nos programas, por meio de assessores. "Por semana, recebo pelo menos umas três ligações de assessores pedindo para jogador vir ao programa", diz Jordana Alvarez. O "ok" para esse tipo de solicitação depende do cartaz do boleiro. Atleta da Portuguesa, por exemplo, dificilmente cava espaço na tevê e, quando consegue, corre o risco de passar por situações constrangedores, como relata um produtor. "Convidei o Lucas, que tinha feito o gol da vitória contra o Corinthians, mas não aceitaram minha sugestão porque acharam que a Lusa não dava ibope." E ibope, no final, é a única coisa que conta. ■

AS ARMAS DOS CAÇA-CRAQUES

– Uma agenda de telefones sempre à mão e completa, com todos os telefones possíveis do craque, inclusive os dos familiares mais próximos. No desespero, até vizinho ou porteiro do prédio entra na jogada

– O velho e bom xaveco, daqueles que enchem o ego e a bola do jogador, mesmo que ele esteja apenas nos 15 minutos de fama. E xaveco bom é xaveco ao vivo, olho no olho

– Cumplicidade. Principalmente com os verdadeiros craques, aqueles que não são casos passageiros de um domingo de verão. Não espalhar o telefone para meio mundo é uma forma de conquistar a confiança e um começo para uma relação duradoura

– Jogo de cintura para negar o pedido de um jogador em baixa ou de um assessor tentando empurrá-lo. Sem isso, há o risco de o boleiro ficar na bronca e, quando der a volta por cima, negar todos os futuros convites

Milton Neves e Renata Fan, do "Terceiro Tempo", da Record: cachê para atrair os boleiros

ALEXANDRE BATTIBUGLI

AS 3 ESTRELAS DA COPA

EDIÇÃO 1.388
MARÇO DE 2014

QUEM VAI BRILHAR NO MUNDIAL? CRISTIANO RONALDO, O MELHOR DO MUNDO? MESSI E SEUS RECORDES? NEYMAR, O DONO DA CASA? PLACAR RESPONDE A ESSAS QUESTÕES NAS PRÓXIMAS PÁGINAS

A pergunta era simples: Por que (inclua o nome do seu jogador preferido) vai ser o melhor da Copa? Na capa e nas páginas internas da edição 1.388, de março de 2014, PLACAR trazia as três maiores estrelas do planeta bola para o centro dos holofotes. O Mundial começaria a ser disputado, aqui mesmo no Brasil, em junho, e todos só pensavam neles: Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Neymar Jr.

As apostas também eram claras: sobre o português, dizia-se ser o melhor do mundo e estar no topo da confiança. Porém, como diz o ditado, uma andorinha sozinha não faz verão, e Portugal, mais uma vez, fracassou numa Copa. Num grupo com Alemanha, Estados Unidos e Gana, nossos patrícios perderam na estreia, empataram com os americanos e, mesmo derrotando os ganenses, ficaram fora das oitavas de final.

Sobre Neymar, apostamos que ele seria o melhor "porque o Brasil é sua casa e ele tem tudo para brilhar". A torcida quase deu certo. Batemos Croácia e Camarões sem muito esforço e, apesar do empate com o México, avançamos como líderes do Grupo A na primeira fase. Daí para a frente, a euforia deu lugar ao sofrimento, que deu lugar ao desespero. Passamos pelo Chile só nos pênaltis e a vitória sobre a Colômbia terminou com o camisa 10 lesionado. A semifinal, naquele 8 de julho (sim, aquele contra a Alemanha), nunca mais será esquecida. E, ainda sem ele, apanhamos da Holanda na disputa do terceiro lugar. Muito se falou de Neymardependência, e o fato é que o Júnior nunca ganhou nada relevante com a seleção.

Por fim, dissemos que Messi seria o melhor "porque ele precisa vencer um Mundial para entrar na história". Verdade. Em 2014, porém, bateu na trave. A Argentina não convenceu ninguém naquela Copa. Derrotou Bósnia, Irã e Nigéria por apenas um gol de vantagem, superou a Suíça e a Bélgica por 1 a 0 e só chegou à final após vencer a Holanda nos pênaltis (empate em zero nos 120 minutos). Contra a Alemanha, no Maracanã, a albiceleste até jogou melhor, mas um novo 0 a 0 levou para a prorrogação – e os tedescos fizeram o gol decisivo aos 8 do segundo tempo. Nunca é demais lembrar que, oito anos depois, a profecia de PLACAR se cumpriu. Messi liderou seu país à conquista no Catar e, definitivamente, entrou para a história.

Por: **Breiller Pires** e **Marcos Sergio Silva**
Ilustrações: **Marcelo Calenda***

* SOBRE FOTOS DE GETTY IMAGES

POR QUE

CRISTIANO RONALDO

VAI SER O MELHOR DA COPA?

Porque ele é o melhor do mundo e está no topo da confiança

Ele vai estar aqui. Como esteve em Estocolmo. Os três gols em 27 minutos que colocaram Portugal na Copa são muito mais um feito de Cristiano Ronaldo que coletivo. Decidir a classificação contra a Suécia e, em consequência, tirar de Lionel Messi o troféu de melhor do mundo de 2013 foram o combustível de que CR7 precisava. A obsessão por vencer faz com que o mundo enxergue nele um rapaz arrogante. Mas o que existe é que o português detesta perder. Brilhar na Copa pode ser o ponto final das comparações. "Os portugueses têm razão de estar otimistas. Eu acredito que esta será a Copa de Cristiano Ronaldo", afirma o diretor de futebol do Real Madrid, Miguel Pardeza. Pepe, parceiro do atacante no Real e na seleção portuguesa, reforça: "Confiamos muito nele para a Copa".

PORQUE ELE QUER ENFIM SUPERAR MESSI

"É mais difícil ser Cristiano Ronaldo do que ser Messi. Não é protegido por nada nem por ninguém, muito menos pelos árbitros", disse o técnico português José Mourinho em 2012, quando avaliou que o atleta, então sob seu comando, era o melhor do mundo. O atacante do Real tem o camisa 10 do Barcelona engasgado. Cristiano leva mais a sério essa comparação que o argentino. Já tem feitos mais significantes com a camisa encarnada que o rival com a albiceleste. Por ela, chegou a uma final de Eurocopa e marcou 47 gols — o barcelonista marcou 37 e tem como principal feito a medalha de ouro na Olimpíada de 2008. "A Copa tem tudo para ser o tira-teima entre os dois", diz José Manuel Ribeiro, diretor de redação do jornal português *O Jogo*.

PORQUE NÃO HÁ CRAQUE EM MELHOR FORMA DO QUE ELE

O histórico de lesões de Cristiano Ronaldo é um dos mais tímidos entre os craques de primeira linha do futebol mundial. A mais grave aconteceu em outubro de 2009, quando foi constatado um edema ósseo no tornozelo direito. Foram 44 dias sem jogar. A última delas foi uma lesão na parte posterior da coxa esquerda, em novembro do ano passado. "O Cristiano Ronaldo joga todas as partidas, não tem lesão, se cuida, corre pra caramba", diz o ex-jogador Zico. Cristiano Ronaldo, aos 29 anos, está no auge físico, o que facilita seu estilo de jogo. "Ele atropela quem estiver na frente, tromba na área se for preciso e ainda tem uma habilidade fora do comum. É um jogador completo e, ao contrário do que imaginam, ele raramente se joga", afirma o zagueiro Miranda, do Atlético de Madri, que diz ser mais difícil marcar o português que Messi.

PORQUE ELE ESTARÁ "EM CASA"

Cristiano Ronaldo é o mais brasileiro dos craques estrangeiros. Ele tem um carinho especial pelo Brasil e pelos brasileiros — e a recíproca também é verdadeira. "Não poderia estar mais motivado para uma Copa num 'país-irmão', que ama futebol", disse, logo após liquidar a Suécia na repescagem. "Ele gosta da música, da alegria, da cultura do Brasil. A gente até brinca que ele nasceu no país errado", diz o volante Casemiro, do Real. "Ronaldo tem um estilo de jogo que agrada ao brasileiro e fala português, o que contribuirá para atrair mídia", diz o consultor de marketing esportivo Amir Somoggi.

PORQUE PORTUGAL JOGA EM FUNÇÃO DELE

É muito mais simples brilhar assim. Na partida decisiva contra a Suécia, Cristiano Ronaldo teve liberdade para se movimentar e receber as precisas enfiadas de João Moutinho. Portugal depende essencialmente de CR7 para ir longe na Copa. Amir Somoggi segue essa lógica: "Ele é o único cara que pode fazer a diferença por seu país, ao contrário de Neymar e Messi. Quanto mais valiosa uma seleção, menos dependente de um só jogador ela é".

TEMPORADA 2013-2014

32	34	2.911
partidas	gols	minutos jogados

POR QUE

MESSI

VAI SER O MELHOR DA COPA?

Porque ele precisa vencer um Mundial para entrar na história

Lionel Messi venceu tudo pelo Barcelona. Aos 26 anos, só não é um imortal do futebol mundial porque ainda falta o que Pelé, Maradona, Beckenbauer e Zidane já conseguiram: brilhar em uma Copa do Mundo e vencê-la. O argentino tem no currículo duas participações em Mundiais. No primeiro, em 2006, entrou em apenas uma partida como titular e foi reserva em outras duas. Marcou, contra Sérvia e Montenegro, seu único gol em Copas. Em 2010, quando já havia sido eleito o melhor do mundo, esperava-se que reinasse. Mas não fez um gol sequer. "Ele é o melhor jogador de sua época. Possui uma capacidade incrível de se reinventar e surpreender o mundo do futebol. E o Mundial pode marcar sua consagração definitiva", afirma Francisco Justicia, editor do diário espanhol *Marca*.

PORQUE ELE DEVE À ARGENTINA O FUTEBOL DO BARCELONA

Antes de ser o maior ídolo do Napoli-ITA, Maradona conquistou sozinho uma Copa, em 1986. Messi faz o caminho inverso: é inquestionável em Barcelona, mas sofre com as cobranças na Argentina. "Ele ainda precisa marcar seu nome na seleção", diz o diretor de redação do jornal *O Jogo*, José Manuel Ribeiro. O currículo com a albiceleste não é ruim. Sua média de gols, embora inferior à do Barcelona, supera a de Cristiano Ronaldo com Portugal: é de 0,44 por partida, contra 0,41 do português. "Mas ele tem uma dívida com a seleção: ser a peça-chave de um título de peso, como a Copa do Mundo", diz o ex-atacante Mário Kempes, herói da conquista de 1978.

PORQUE A SELEÇÃO GANHOU CARA DE TIME

Messi saiu "virgem" da última Copa do Mundo, mas é injusto atribuir a culpa apenas ao camisa 10. O time nacional treinado por Maradona era um catadão estrelado conduzido pela intuição e o coração do ex-craque. Neste ano, ele terá a seleção a seu serviço. "O Messi só começou a brilhar pela Argentina quando entenderam que o time deveria jogar em função dele, e não ele se adaptar ao esquema do time", afirma Zico, com três Mundiais no currículo. Esse desenho tático mudou desde que Alejandro Sabella assumiu o time nacional. "O Messi está se mostrando melhor", observa Kempes. "O craque pode decidir um jogo, mas não ganha um campeonato se o time não corresponder. Hoje Messi tem esse suporte na seleção, com Kun Agüero, Higuaín, Di María, Lavezzi... Há jogadores de alto quilate, experientes, que podem oferecer condições para que Lionel Messi faça a diferença."

PORQUE O MELHOR DO MUNDO NUNCA VENCEU UMA COPA

Desde que a Fifa instituiu o prêmio de melhor do mundo, nunca o vencedor do ano anterior venceu um Mundial (veja quadro na pág. 65). Sofreram da maldição Baggio, Ronaldo, Figo, Ronaldinho Gaúcho e Messi. Neste ano, o argentino não terá o peso da premiação, já que perdeu o título para Cristiano Ronaldo. Como Zidane em 1998 e 2006 e Ronaldo em 2002, Lionel Messi diminuiu a velocidade nas competições na primeira metade da temporada 2013/14, ao se recuperar de uma série de lesões, a última delas na coxa esquerda. Em junho, se não se machucar novamente, estará no ápice da forma.

PORQUE ELE VAI JOGAR NO QUINTAL DE CASA

Nunca um europeu venceu jogando na América. Neste ano, no Brasil, a Argentina teve a sorte de não apenas enfrentar adversários mais fracos (Bósnia, Nigéria e Irã) como também de cair em sedes muito próximas de suas fronteiras. O roteiro inclui a vizinha Porto Alegre e sedes não tão distantes como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Caso avance em primeiro na chave, jogará em São Paulo, a maior concentração de argentinos no Brasil. Messi surfar na primeira fase? Não é uma tarefa difícil.

TEMPORADA 2013-2014

25	24	1.974
partidas	gols	minutos jogados

POR QUE NEYMAR VAI SER O MELHOR DA COPA?

Porque o Brasil é sua casa e ele tem tudo para brilhar

Das oito seleções campeãs mundiais, apenas duas não levaram o título quando sediaram a Copa. Uma delas é o Brasil. Mas, na Copa das Confederações, o time provou que vencer é possível. Mesmo sendo mais limitado que outros esquadrões, o Brasil fez valer o fator casa. Isso pode ser fundamental para a conquista — e para Neymar reinar. "Messi ou Neymar deve ser o craque do Mundial. Hoje, indiscutivelmente, Messi é mais jogador, mas, como o Brasil joga em casa, aposto na vitória da seleção brasileira e em Neymar como craque da Copa", diz Tostão, campeão em 1970. Em enquete feita pelo insuspeito jornal espanhol *Marca*, Neymar foi eleito como o jogador que pode decidir o Mundial: o ex-santista obteve 21,2%, contra 20,7% de Cristiano Ronaldo. "Neymar tem menos tempo de carreira no futebol europeu, mas, como a seleção joga em casa, isso pode pesar a seu favor", afirma Amir Somoggi.

PORQUE ELE JOGA EM UMA LIGA DE ALTO NÍVEL

A ida de Neymar para o Barcelona pode trabalhar mais a favor que contra o jogador. "Ele está disputando os grandes campeonatos. Com ele bem, o Brasil certamente é favorito ao título", diz o capitão do tri, Carlos Alberto Torres. "Essa transferência para o Barcelona fez com que a mídia estrangeira observasse o seu valor", afirma Zagallo, vencedor de duas Copas como jogador. Mesmo as acusações feitas ainda no Brasil, de que Neymar se jogava demais e era protegido pelos árbitros, perderam força depois da transferência. "O Neymar está evoluindo nesse aspecto no Barcelona, porque os juízes da Espanha deixam o jogo seguir", diz o zagueiro Miranda, do Atlético de Madri. As turbulências na transferência para o Barcelona, no entanto, podem atrapalhar. É o que afirma Carlos Alberto Torres: "É preciso blindá-lo. É um caso que pode se estender e atrapalhar sua preparação para a Copa."

PORQUE O TIME ORNOU

A Copa das Confederações fez o suficiente para o Brasil ter confiança na seleção. Houve encaixe, desde a defesa até o ataque. Neymar foi fundamental: pediu a 10, chamou a responsabilidade para si e Felipão fez o time girar em torno dele, observa Carlos Alberto Torres. "É o que tem de ser feito na Copa do Mundo. O craque, com o talento que o Neymar tem, foi feito para decidir." ■

TEMPORADA 2013-2014

25 partidas | **11** gols | **1.813** minutos jogados

QUEM CORRE POR FORA

LUIS SUÁREZ — URUGUAI
Na Europa, só CR7 se aproxima de sua média de gols de mais de um por jogo.

INIESTA — ESPANHA
Atingiu 100 jogos em competições europeias pelo Barça.

YAYA TOURÉ — COSTA DO MARFIM
O "volante mais completo do mundo" caminha para sua 3ª Copa.

VAN PERSIE — HOLANDA
Coadjuvante em 2010, hoje é a principal esperança da Holanda.

FALCAO GARCÍA — COLÔMBIA
Recupera-se de uma ruptura nos ligamentos do joelho esquerdo.

BALOTELLI — ITÁLIA
Segue contando com a confiança da seleção para capitanear o ataque.

ROONEY — INGLATERRA
É um dos únicos poupados de críticas na má fase do time inglês.

RIBÉRY — FRANÇA
Por pouco não desbancou Messi e Ronaldo na última eleição da Fifa.

MÜLLER — ALEMANHA
Cobiçado pelo Real, pode atuar no meio, pelas pontas ou como um falso 9.

HAZARD — BÉLGICA
O queridinho de Mourinho no Chelsea lidera a geração de ouro belga.

REIS DA VÉSPERA

NEM SEMPRE OS FAVORITOS FORAM OS CRAQUES DAS COPAS

Começar o ano da Copa com o título de melhor do mundo nem sempre é bom presságio. Lionel Messi já sofreu isso em 2010, e Ronaldinho Gaúcho, em 2006. Cristiano Ronaldo, então, que tome cuidado. Desde que o prêmio da Fifa foi instituído, em 1991, nunca o vencedor conseguiu conquistar a Copa do Mundo no ano seguinte. Só Ronaldo, em 1998, foi eleito o melhor do mundo e da Copa, mas havia uma diferença: a Fifa decidiu o vencedor do prêmio na véspera da decisão. No dia seguinte, Ronaldo teve uma convulsão e o resto é história. Quando a única premiação de respeito era a Bola de Ouro da revista *France Football*, apenas um jogador conseguiu unificar os títulos: o holandês Johan Cruyff, em 1974. Mas sua seleção acabou batida pela Alemanha Ocidental na final.

Kempes: o argentino era bem pouco conhecido até vencer o Mundial de 1978

LEMYR MARTINS

Cruijff: o holandês jogou muito, mas perdeu a final de 1974 para a Alemanha

ZEKA ARAUJO

	Melhor do mundo	Craque da Fifa	Craque PLACAR
2010	MESSI* *(Argentina)*	FORLÁN *(Uruguai)*	INIESTA *(Espanha)*
2006	RONALDINHO GAÚCHO* *(Brasil)*	ZIDANE *(França)*	ZIDANE *(França)*
2002	FIGO* *(Portugal)*	KAHN *(Alemanha)*	RIVALDO *(Brasil)*
1998	RONALDO* *(Brasil)*	RONALDO *(Brasil)*	ZIDANE *(França)*
1994	BAGGIO* *(Itália)*	ROMÁRIO *(Brasil)*	ROMÁRIO *(Brasil)*
1990	VAN BASTEN** *(Holanda)*	SCHILLACI *(Itália)*	MATTHÄUS *(Alemanha)*
1986	PLATINI** *(França)*	MARADONA *(Argentina)*	MARADONA *(Argentina)*
1982	KARL-HEINZ RUMMENIGGE** *(Alemanha Ocidental)*	PAOLO ROSSI *(Itália)*	PAOLO ROSSI *(Itália)*
1978	KEVIN KEEGAN*** *(Inglaterra)*	KEMPES *(Argentina)*	KEMPES *(Argentina)*
1974	JOHAN CRUYFF** *(Holanda)*	JOHAN CRUYFF *(Holanda)*	JOHAN CRUYFF *(Holanda)*
1970	GIANNI RIVERA* *(Itália)*	PELÉ *(Brasil)*	PELÉ *(Brasil)*
Em março de 1970, a revista PLACAR começa a ser publicada			
1966	EUSÉBIO** *(Portugal)*	BOBBY CHARLTON *(Inglaterra)*	-
1962	OMAR SIVORI** *(Argentina)*	GARRINCHA *(Brasil)*	-
1958	ALFREDO DI STEFANO** *(Argentina)*	DIDI *(Brasil)*	-
Antes de 1958, não havia parâmetro de escolha de melhor do mundo			
1954	-	PUSKÁS *(Hungria)*	-
1950	-	ZIZINHO *(Brasil)*	-
1938	-	LEÔNIDAS *(Brasil)*	-
1934	-	GIUSEPPE MEAZZA *(Itália)*	-
1930	-	JOSÉ NASAZZI *(Uruguai)*	-

*O melhor do mundo segundo a Fifa durante a vigência da Copa
** O melhor do mundo segundo a revista *France Football* durante a vigência da Copa
*** Não disputou a Copa do Mundo

CÁSSIO ZANATTA

ATRÁS DE UMA BOLA TEM SEMPRE...

“Atrás de uma bola tem 40 ônibus lotados, chuva de papel picado, um hino nacional com os jogadores perfilados fingindo que sabem a letra...

Uma criança, claro. Todo motorista sabe disso: que, quando a bola chega quicando toda inocente pela rua, em seguida aparecem do nada – de trás da árvore, do carro parado, da moita – duas pernas magrelas correndo atrás sem olhar se vem carro. Pé no freio, portanto.

Mas espera. Atrás da bola tem outra coisa. Vinte e duas criaturas se engalfinhando com camisas cheias de patrocínios de sites de apostas. Vinte mil torcedores numa roeção de unhas só. Uma família inteira que se levanta da mesa do almoço de domingo para cravar os olhos na TV. O comercial de cerveja, a propaganda do banco, o pote de azeitona e de batatinha sobre a mesa de centro. Um copo que só espera o lance da bola raspando a trave para pular no chão.

Atrás de uma bola tem sempre um cambista, um ingresso falsificado, um guardador de carro que jura que vai tomar conta, mas desaparece assim que o jogo começa, um vendedor de bandeira, de churrasquinho de gato, amendoim, sorvete, cachaça, qualquer coisa que faça sorrir. Tem 40 ônibus lotados, tem (ou tinha) chuva de papel picado, um hino nacional com os jogadores perfilados fingindo que sabem a letra, um cachorro no meio da arquibancada sem entender como foi parar ali, tem um guarda de costas para o campo de olho na torcida, uma vuvuzela na sua orelha, 16 repórteres de campo trazendo os detalhes, um álbum de figurinhas incompleto, um pôster do time na parede do boteco, uma esperança de esquecimento, ao menos por uma hora e meia, dos chutes na canela que a vida dá.

Também tem sempre um juiz mal intencionado. Cartolas idem. Um zagueiro corrompido por um dos sites de apostas já citados. Dois quero--queros passeando livres de marcação na lateral esquerda. O chato na arquibancada que fica narrando o jogo, secando o time e que, por isso, logo, logo vai levar uma tunda. Duas velas acesas ao lado de umas mandingas, uma quentinha de farofa e a flâmula do time na casa do fanático macumbeiro. O padre que perde a compostura e solta um palavrão. Duas mãos juntas em reza, em geral na disputa de pênaltis, na esperança de que Deus pare de prestar atenção no Universo e venha torcer para o time.

Tem um vizinho que comemora o gol gritando da janela, outro do prédio ao lado que grita “cala a boca, palhaço”, dois dedos de cada mão em figa, o telefonema da tia faltando cinco minutos, a filha adolescente com fone de ouvido porque não dá a mínima para aquilo, um ataque cardíaco em algum canto da cidade.

Tem muito pouco na maioria dos bolsos. Mesmo a tal da bola já deu mais alegrias.

Atrás de uma bola tem sempre um pai que trouxe o filho, que trouxe o filho, que trouxe a filha, que trouxe o filho, que trouxe o neto, que trouxe os filhos, que trouxeram a mãe.

Atrás de uma bola tem um país inteiro. ■

Cássio Zanatta é redator e escritor, não necessariamente nessa ordem. Já foi redator e diretor de criação da AlmapBBDO, DM9, Africa, DPZ e outras importantes agências brasileiras